ILUSTRAÇÃO

ESTUDO — (QUADRO DE JOSÉ MALHÔA

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND

LISBOA

Saiu o tomo XXXVI, completando o 3.º e ultimo volume

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30$00	59$00	118$00
		REGISTADO	
ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34$50	67$00	132$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36$00	79$00	138$00
ESTRANGEIRO	37$00	72$00	142$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . 10$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Sciências de Lisboa
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Sciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da Rèpública.
ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Sciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Sciências, director geral das Belas Artes
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Sciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
CRISTOVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Sciências de Lisboa
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa.
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Sciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Sciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Sciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Sciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Sciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Sciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnologico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Sciências, professor de estudos camonеanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Sciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Sciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Sciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Sciências de Lisboa.
MOISÉS BENSABAT AMZALACK, da Academia das Sciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Sciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Asociação dos Arqueólogos.
OLIVEIROS VELOSO, da Academia das Sciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGE, da Academia das Sciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 × 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS, ÓTIMO PAPEL COUCHÉ, MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

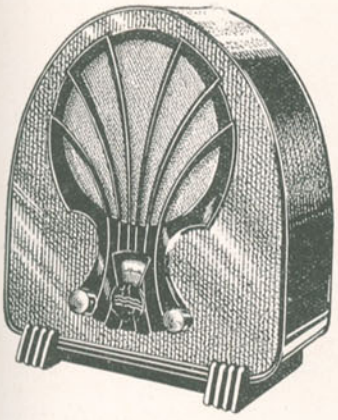
ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... ... ... 10$00

PHILIPS

830

Super-Inductancia



Peçam demonstrações

a todos os nossos revendedores

OUVI-LO É ADQUIRI-LO

LIGA METALICA QUE RESISTE Á AGUA DO MAR

E' conhecida ordinariamente por metal d'Aich; tem uma bela côr amarelo doirado, nada sofrendo com a acção da agua do mar: é dura e apresenta uma grande tenacidade. E' constituida por 58 a 60 % de cobre, 36 a 40 % de zinco, 0,75 a 1,75 de ferro e algumas vezes 1 de estanho.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL Rua da Alegria, 100—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. . .	30$00	60$00	120$00
(Registada).	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada).	—	69$00	138$00
Espanha e suas colonias	—	63$00	126$00
(Registada).	—	67$50	135$00
Brasil.	—	66$00	132$00
(Registada).	—	75$00	150$00
Outros paises.	—	75$00	150$00
(Registada).	—	84$00	168$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras* **14$00,** *pelo correio* **15$00** — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente á **Academia Scientifica de Beleza**—Av. da Liberdade, 35—LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

CONCURSO

	5	

Dispor os algarismos de 1 até 9 nos quadrados, colocando o 5 ao centro, de modo a somar 15 em todos os sentidos. Os leitores que encontrarem a solução e se conformarem com as nossas condições receberão um **Explêndido Brinde** (um gramofone ou uma joia). Enviar a resposta, franqueada com um sêlo de 1$25, a Etablissements ANGELUS, Service M., 22, rue des 4-Frères Peignot, Paris-15e (França).

Junte, para a resposta, um sobrescrito com a sua direcção.

Fóra com as dôres!

CAFIASPIRINA

livra de dôres e restabelece o bem estar.

Desde que conheço este remedio já nao sei o que sao dôres de cabeça!

Não prejudica o coração nem os rins!

PORTUGAL DE ALGUM DIA

por ROQUE GAMEIRO e MATOS SEQUEIRA

CENAS, COSTUMES E USOS DE OUTRO TEMPO

Obra em 2 vol., num total de 240 paginas de texto, 122 estampas
sendo 31 a quatro côres e 91 a preto

Reproduções de formosissimas aguarelas de Roque Gameiro

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

a) Pagando por uma só vez a obra . . . . . 250$00
b) Pagando em duas prestações, no principio dos 2 volumes ou seja por ocasião da distribuição do 1.º e do 8.º tomo . . . . . 270$00
c) Pagando tomo a tomo (20$00 cada) . . . . . 300$00

Os tomos serão publicados mensalmente

Pedidos de assinaturas á administração do "DIARIO DE NOTICIAS"
na sua Filial, sucursais e agencias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

"Trinta mil por uma linha"

POR **D. EMILIA DE SOUSA COSTA**

Acaba de aparecer este lindo livro de contos com interessantissimas ilustrações de ALFREDO DE MORAIS

O noivo infeliz — A cabicanca — Beijo maldito — Caluberbriga — Oh! meu S. Benedito! Tanto procurou que sempre encontrou! — No reino dos macacos — Lauro é! — O galego espertalhão — A moura Cassima — O sabichão — O irmão burro — Maria da extravandia.

Preço 5$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11
e em todas as livrarias

DICIONÁRIO
DO
Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**

Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

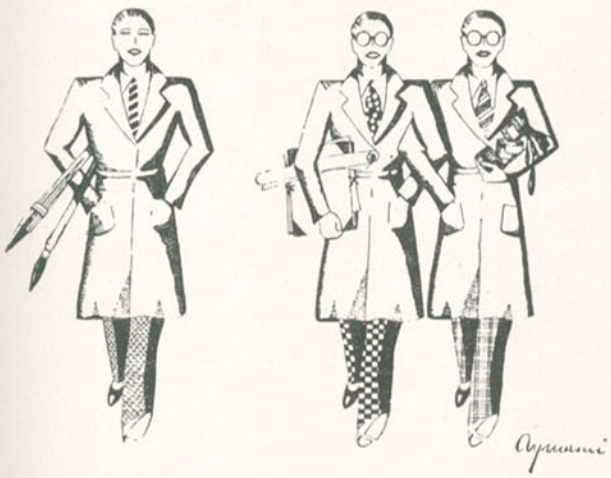
1 vol. enc. com capa a ouro com cêrca de 100 págs. . . . . 7$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 LISBOA

NOVIDADE LITERARIA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10$00

IMPORTANTE: — A partir de 1 de Janeiro de 1933 a HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, **só será vendida em volumes.**

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
" " " " carneira 190$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

25$00

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441 gravuras, cartonado . . . . . 10$00
Encadernado luxuosamente . . . . . 18$00

34.º — ANO — 1933

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND, LTD.ª, RUA GARRETT, 73 E 75 — LISBOA

N.º 21 — 7.º ANO

1 - NOVEMBRO - 1932

JULIO DANTAS

A Academia das Ciências de Lisboa acaba de conferir ao sr. dr. Julio Dantas a mais elevada distinção do seu formulário. Nomeando-o sócio de mérito, posto raro, de muito grande raridade, pois, em memória de vivos, só os mais idosos dos idosos poderão dizer que conheceram outro homem em situação igual.

Foi Alexandre Herculano, desaparecido ha 57 anos, o último dos escritores portugueses que recebeu tal honra.

Não se dirá que a douta Sociedade tenha prodigalisado êsse título de nobreza, e a circunstância é de notar, no país onde tanto se abusa do superlativo e da adjectivação exgotante. A facilidade do emprêgo da excelência, do ilustrissimo, eminente, prestigioso e outros de tom similar, conduz á invalidês do vocabulário, a termo de ficar incolor, senão ridiculo, quanto se diga de um homem para louvá-lo. Dêsse vício provem o apuro em que se vê quem tenha de louvar, ou enaltecer o mérito verídico, seguro. Reconheça-se alguem talentoso, inteligente, tocado pelo génio; como exprimi-lo? Se, classificando um homem de letras ou de ciências, o declararmos apenas inteligente, sem mais qualificativo, o leitor, ou ouvinte não formará conceito lisongeiro. Homem inteligente, êsse ser tão raro de encontrar, temos de nomeá-lo como tal, por artificio de linguagem, apresentando a singularidade em palavras diferentes das corrompidas pela gente comum.

Essa peculiar deformidade da consciência pública, perante a expressão escrita ou falada, conduziu á atitude de indiferença, ou desatenção, no geral manifesta pelo acto inconfundivel que a Academia acaba de praticar.

Aconteceu e ninguem percebeu que Sócio de Mérito não existiu outro na classe de Letras depois do auctor do Eurico, e que na classe de Ciências existe o professor Gomes Teixeira, sem antecessor conhecido. O acontecimento, assim explicado mostra com nitidez que para obter a qualidade, se requer, sem qualquer sombra de dúvida que o distinguido possua mérito, autenticado por todos, aceite sem discussão, e fóra do risco de perder-se na primeira volta dos tempos.

E agora que acabamos de marcar a altura a que o nosso colaborador subiu, melhor se compreende o entusiasmo com que saudamos o autor de uma obra vasta, inconfundivel, de carácter singular, de perfeição extrema a que chamariamos, a fechar o periodo, glória das letras portuguêsas, se o título não andasse como os demais, cotiado até ao fio.

Na verdade, ninguem, antes de Julio Dantas, conseguira realisar com a língua imperfeita, que falamos, os rítmos delicados, de cambiante suave e cultura superior que êle achou para tecer os milhares de composições exparsas em dezenas de volumes encimados pelo seu nome. E notaremos até que nessa especial caracteristica do manejo dificil, excepcional dos vocábulos e sintaxe portuguesa, reside a surpreza que uns admiram e alguns repudiam por contrária ao feitio tosco, de pedra lascada, em que conservam o espirito, maneiras, senão também a glote. O seu estilo, de claridade, singilesa e correcção nunca vista em autores vivos ou mortos, aparece como número aparte da evolução normal, distanciado da série que o tempo lhe atribuia.

Assim sucedeu a Fernão Lopes, a Camões, a Vieira, a Herculano que também usaram de modos sómente correntios em gerações posteriores.

Êstes e similiares motivos influiram sem dúvida na Academia para decidir o acto praticado que, sendo, de extrema raridade, se revela de extrema justiça. Premiaram o escritor excepcional e também o homem de inteligencia modelar que na diversidade de cargos ocupados sempre se manifestou um condutor seguro, um chefe, de firmeza e ductilidade perfeita.

Por êste modo definido o acontecimento, nos associamos ao louvor integral, conferido ao escritor, ao academico, ao homem público que assiduamente valorisa as nossas colunas com os fulgores do seu brilhante espírito.

E seja-nos lícito afirmar ainda que não achamos exagerada a consagração, mesmo com o carácter de singularidade que reveste, pois se excepcional é o prémio, em excepção idêntica se acha o premiado.

Crónica da Quinzena

DECORREM os mêses, completam-se anos, sem alvorecer o tempo melhor de paz e confiança, anunciado pelos profetas que vaticinaram sôbre a crise. Estudos de história, de geografia política e económica, serviram para definir o ciclo de desfalecimento e reativação da vida social. Prometiam os entendedores que o fenómeno obedecia a ritmo como o de sono e vigilia, de trabalho e repouso, de exaltação e depressão, de tormenta e bonança, segundo cadência generalisada, pois quanto existe na naturesa mais, ou menos gira em periodos de carácter antitético. Parecia lógico, era comodo, e assim se explicava o gôsto de aceitar e crer em tais prognósticos.

Sucedem-se os dias, as semanas, excedem-se os limites calculados para termo da descida, ou extremo negativo, e o mal-estar, longe de diminuir, agrava-se, transforma-se em angústia. A oriente a ocidente, nenhum indício de mudança se divisa. O trabalho falece, a penuria alastra, o desespero multiplica-se em todas as latitudes. E porque a capacidade de sofrer e de esperar também se exgota, nada de bom se antevê como remate do momento que o mundo atravessa.

O ar transmite vibrações desagradáveis, em que se apercebe um tínido sinistro de metais. Distinguem-se voses que não confortam o ânimo dos sedentos de paz. Parece de novo irritado o gôsto da violência. Palavras duras que mal escondem anceios de luta e agressão, ecoam em confins diversos, sem exceptuar a Europa. É lícito supôr que os quatro anos de sangue, seguidos de mais dez de grandes dôres, sofridos nesta parte do mundo, não deram ensinamento bastante, nem sequer á geração submetida ao sacrifício.

Teme-se que a leste se prepare algo de novo, capaz de alterar profundamente a tranquilidade dos que vivem nesta e outras regiões do globo. Que pretende a Alemanha, aonde quer chegar a Italia, quais as tenções do Japão, em que se cifram as mudanças propostas pelas três descontentes no actual convenio que rege o mundo? A França, a Inglaterra, a U. S. A. saberão manter o acôrdo estatuído, empregando palavras suasórias, ou decidem impô-lo por qualquer meio, caso as primeiras o alterem?

O receio de que a nova catástrofe ande em gestação, acusa-se fundamentado. Uma guerra deixa no termo, como as plantas, um fruto que mais tarde germina e produz outra guerra. A última nunca virá porque a espécie maldita se ha-de manter emquanto a humanidade existir. Acabar com a guerra, ou com a morte constituem aspirações equivalentes, na estulticia, quando exigidas em realidade perfeita.

*

* *

A estrela de Hitler, depois da ascenção brusca, chegou ao zenith, empalideceu e amortece. As últimas notícias mostram o nazismo em frouxidão sem o entusiasmo clangoroso, de som metálico, que caracterisou as suas jornadas através do Reich. Depois das andanças, fervenças, ameaças em que prometia submeter a Alemanha a uma vontade indiscutivel, para em seguida rasgar os tratados, arma-la de novo e iniciar a marcha sôbre a Europa, parece atacado de canseira. Quem observa de longe, admite que o proposto conductor do povo germanico, o "führer", caiu em neurastenia. Aquele brio de palavra, estentórico, á italiana, apagou-se quási de sùbdito.

As milícias fardadas, empavesadas, de bota e espora, impetuosas, violentas, guardam um silêncio desolador. Dormem como os apóstolos no horto, emquanto o Mestre orava preparando-se para o sacrifício redemptor? Ou acordariam de um sonho doloso que não podia prolongar-se por mais tempo?

Talvez que o antigo pintor de fachadas não seja o homem procurado pela ardente alma alemã, cubiçosa de reconstituir-se nos antigos moldes que a erigiram em poder assolador do ocidente. Semelha de frustrada a tentativa de encontrar um chefe, pela pressa de descobri-lo no primeiro que se apresentou.

Impressão ilusória? A distância julga-se que o entusiásmo quebrou e a multidão, unida em torno do animador escolhido, se afasta encavacada. Bem pode ser que o tenha reconhecido em falha de iniciativa, de vigor da acção, quando chegou o momento oportuno.

Como se sabe, para 13 de agosto último esteve anunciada a marcha sôbre Berlim. Juntaram-se as cohortes de assalto, encheram-se de ardor, exaltaram-se de fé no grande destino a cumprir e atingido o instante do Rubicão, em vez de atravessarem, receberam ordem de dispersar.

Que aconteceu? Apenas um "não" de Hindenburgo. A' bravata ameaçadora, e exigência imperativa, o marechal respondeu com o elegante desdem de fechar as portas da casa em Berlim e partir para férias. E o "führer" em vez de tomar a residencia do Poder, assim abandonada, imitou o bom do velho, indo-se embora. Certamente decidiu-se a tal conducta por achar omisso o compêndio que seguia ao traçar a carreira.

Mussolini avançou sôbre Roma no celebre 28 de outubro e o rei Victor Manuel abriu-lhe os braços. Que aconteceria se o chefe do estado italiano resistisse? Ninguem sabe se os quadrumviri se deixariam prender terminando ahi a aventura, ou acabariam por prender o rei, dando à acção um desenvolvimento diverso do que veio a tomar.

Ao lançar as intimativas finais, Hitler contava com acolhimento igual ao do romano por parte do presidente. Assim o achava na rúbrica. A' última hora o personagem não respondeu como se esperava e a inspiração não valeu ao caudilho na situação imprevista. Fugiu da cêna desorientado. A ciência experimental ensina que o homem por êsse modo indeciso em tais momentos, se perde para todo o sempre. Se não aproveitou a oportunidade, se não arriscou a sorte e o prestigio, contará que êste se foi para não voltar.

Não extranhemos se dentro e fóra da Alemanha, em breve praso, o considerarem um impostor vulgar, sem sombra de qualidade nobre que lhe descobriam os sequases, tão prontos a atribuirem-lhe génio.

*

* *

De qualquer modo se arrumou o incidente aduaneiro suscitado entre Portugal e a França, e com o facto se congratulam todos os que consideram Madre Lutecia como ama que lhes alimentou o espirito menino e ainda em adultos lhes dá a todo o instante conforto salutar. Ao nosso sentimento repugnam desavenças de qualquer naturesa política ou económica, com o país a que tanto nos prende a inteligência. E não era sem dôr que viamos estabelecer-se uma briga de interesses que, por serem de parte a parte respeitáveis, não deixavam de perturbar a estima afectuosa ha muito desenvolvida entre portugueses e franceses. O curso dos negócios restabeleceu-se, em termos que permitem confiar num ajustamento perfeito das conveniências privativas de cada contractante.

Torna-se dia a dia mais intenso o convívio literário e científico de Lisbôa com Paris, admitindo-se um acréscimo progressivo de relações, por mercê de circunstâncias que vão ocorrendo, de influência não iludivel. Sendo assim, muito ilógico seria admitir em qualquer campo de actividade uma oposição, ou mesmo friesa, que a ninguem daria vantagem. E' mesmo indispensável aproveitar a bôa disposição espiritual para conseguir o confôrto material que mutuamente possamos colher.

Samuel Maia.

Belezas naturais da Tchecoslováquia

O "Salto do Veado" em Karlovy-Vary

Ademais duma indústria e duma agricultura muito desenvolvidas, a Tchecoslováquia possui um solo rico e grandes belezas naturais — particularmente muitas e importantes nascentes minerais e terapêuticas.

Dessas numerosas estações termais e climáticas situadas principalmente a noroeste do país e na Slovaquia, falemos, ràpidamente, apenas das mais importantes.

De tôdas a mais conhecida e valiosa é a de Karlovy-Vary, que a lenda pretende tenha sido fundada em 1358 por Carlos IV.

A celebridade desta estação termal provem-lhe das termas alcalinas, que contêm sal de Glauber com uma composição de sulfato, carbonato, cloreto e sal de soda, única no seu género.

É grandioso o espectáculo do «Sprudel», que lança a uma enorme altura água mineral a 73° c. e fornece um caudal de 4.000.000 de litros por 24 horas.

Em Karlovy-Vary há as mais modernas e perfeitas instalações para as curas, 35 hoteis e 1.200 pensões para alojamento dos aqüistas, etc.

Estas águas são recomendadas nos casos de perturbações do metabolismo (gota, diabetes, obesidade), doenças do fígado, estômago e intestinos, eczemas crónicos, etc.

Mas Karlovy-Vary não é só uma estação termal: é também um lugar de turismo, pelo pitoresco e beleza da cidade e arredores e de tôda a região.

Perto de Karlovy-Vary encontra-se mesmo uma outra estação, a de Marianské Lázne, conhecida pelas suas propriedades terapêuticas desde o século XVII, em que os dons e as belezas naturais se a am tão harmoniosamente à obra do homem que dificilmente se encontrará na Europa outra semelhante.

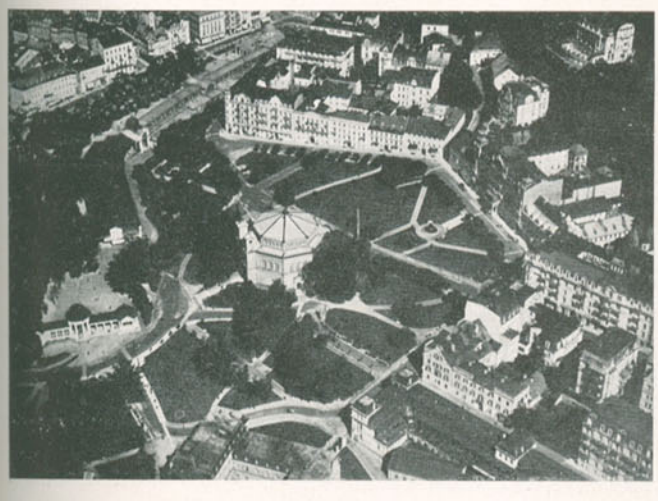
Nesta estação existem mais de cem nascentes, com águas alcalinas com sal de Glauber, águas alcalinas com carbonato de cal, e águas ferruginosas.

Estas águas empregam-se com êxito em curas por absorção e banhos; e são expedidas para todo o mundo.

Os meios curativos desta estação são ainda completados por banhos de lama, muito eficazes, preparados em estabelecimentos superiormente instalados e munidos de todo o conforto moderno.

São tratadas nestas termas as doenças do aparelho digestivo, a prisão de ventre, a gota, a artério-esclorose, a obesidade, as afecções do coração e dos rins.

No noroeste da Boémia, no meio de parques e jardins explêndidos, está Frantiskovy Lázne, com nascentes diversas: alcalinas com sal de Glauber, alcalinas ferruginosas com sal de Glauber ou também com carbonato de ferro, etc. A demais tem ainda camadas de lamas ricas em enxofres ferruginosos e, no centro do parque, uma fonte gazosa com 99% de ácido carbónico.



Aspecto geral de Marianské Lázne

As doenças crónicas das senhoras, as exsudações, as doenças do coração e dos rins, a ciática e a gota, os catarros crónicos das vias respiratórias e a anemia, para que estas águas especialmente se indicam, são tratadas em balneários e num sanatório modelares.

Também no noroeste da Boémia, numa região de florestas de pinheiros, fica situada Jáchymov, com minas de águas fortemente rádio-activas (emanação de 600 Mach), que são aplicadas num soberbo Rádio-Pálace, que tem anexo um luxuoso hotel com 300 quartos.

Esta estância balneária do Estado não pode encarecer o seu mérito em comparação com as tradições centenárias de Karlovy-Vary, pois a sua fundação é bem recente.

Com a descoberta dos raios urânicos de 1896 e as revelações feitas pelos químicos Becquerel e Madame Curie em 1898, depois de aturados trabalhos de laboratório, sôbre a existência de um novo elemento — o radium —, criou a cidade de Jachymov uma reputação mundial.

Depois da descoberta do radium e das suas qualidades físicas e químicas, o que produziu uma verdadeira concepção científica da matéria, efectuaram-se os trabalhos tendentes à utilização com-

Interior do "Sgrudel" em Karlovy-Vary

pleta do novo e prestigioso elemento. Em 1908, começaram a produzir-se os sais de radium e em 1911 estabelece-se, com grandes despezas, um Instituto médico do Estado, para captar e utilizar as águas rádio-activas das suas minas.

As minas do Estado originaram em 1913 a fabricação química, 111.845 quintais métricos de minério, donde se extraíram 4.489 quintais de mineral de urânio e, dos restos insulúveis, 10.048 de sais de radium, contendo 2.126 gramas de radium elementar.

Anualmente produzem-se aproximadamente 3,5 gramas de elementos de radium ao preço apróximado de 7.000.000 Kc. (corôas thecas).

Em Podebrady, sôbre o Elba, tratam-se doenças crónicas do coração e da pele, diabetes, gota e anemia, em balneários modernos e confortáveis.

As fontes alcalinas de Luhacovice, num vale delicioso da Moravia, tem além de sal de cozinha, muito iodo.

Nelas se praticam a cura interna e a externa, por água e inalações.

Entre os doentes que aí encontram a cura ou o alívio devem citar-se os de catarros do tubo digestivo e das vias respiratórias, os do coração e do metabolismo.

Luhacovice, a demais das excelências terapêuticas das suas fontes, possui grandes qualidades turísticas: bons hoteis, bons meios de comunicação e maravilhosos dons naturais. A região, habitada por eslovacos do tipo característico, oferece ao aquista ou visitante passeios encantadores.

Tatranská Lomnice, a uma altitude de 950 metros, nos Tatras é uma estação climática e turística elegante, com hoteis de grande luxo, campos de jogos, pistas, etc. O seu clima, favorece a formação de glóbulos vermelhos e as funções da nutrição, e é recomendado sobretudo para as doenças de nervos, a de Bazedow, a anemia, os catarros crónicos dos brônquios e a asma.

Outra estação climática e de turismo, também nos Tatras, mas a maior altitude, 1351 metros, que a de Tatranská Lomnice, é a de Strbské Pleso, à beira do lago de Strba, numa região maravilhosa.

O Grande-Hotel luxuoso, as casas de campo, os campos de jogos, etc., oferecem tôdo o confôrto e divertimentos aos turistas e sportmen.

Para tratamento das doenças do aparelho respiratório, dos nervos e outras, foram instalados nos arredores vários sanatórios. Além destas doenças Strbské Pleso é recomendada também para o tratamento da anemia, dos males do coração, das doenças de crescimento nas crianças e das afecções provocadas por insuficiência das glândulas de secreção interna.

Pistany, no vale do Váh, é conhecida desde o século XII pelas suas fontes rádio-activas sulfurosas. Em Pistany tratam-se sobretudo os reumatismos articulares crónicos, a gôta e as doenças crónicas da pele. Pistany, aberta todo o ano, é um centro de excursões e passeios.

Uma menção é devida a *Sliac*, onde as águas carregadas de ácido carbónico irrompem do solo a uma temperatura de 40°. Aí se tratam, com os melhores resultados, as doenças das senhoras, e as doenças do coração renitentes a outros processos terapêuticos.

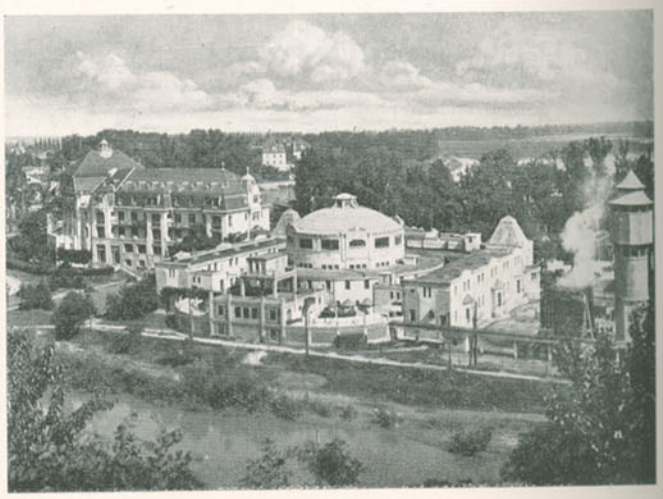
Finalmente, Trencaské, estação balneária e de vilegiatura de primeira ordem, possui numerosas nascentes rádio-activas.

As condições naturais da Tchecoslováquia são muito favoráveis não só às estações balneárias mas também ao turismo, pela variedade e pitoresco das païsagens, pela quantidade de monumentos históricos e castelos, pela extensão das florestas, e pelos costumes do povo em várias regiões. Os montes Brdy, a Alta Sumava, os montes Metálicos, os montes Gigantes com a Snezka, as grutas de estalactites do Krasmoravo e as da Slováquia-Demanová, são outras tantas maravilhas.

De tôdas elas cuida o Club dos Turistas Tchecoslovacos, centro da organização do turismo na Tchecoslováquia.

Este Club, fundado em 1888, compreende 29 secções departamentais e 246 organizações locais, com uns 45.000 membros. Ele tem a seu cargo mais de 500 albergues nocturnos, cuida e marca os caminhos, indica as gares, protege os monumentos históricos e naturais, é proprietário de 28 refúgios, 10 mirantes, 10 castelos em ruinas e cêrca de 800.000 m.² de terreno e cuida de 11 refúgios e 6 castelos, e edita e jornal dos turistas e os seus relatórios. A sua biblioteca conta uns 3.000 volumes, 600 jornais e 1.200 mapas.

O Club organiza ainda conferências, cursos e excursões — umas 4.000 por ano. — E, enfim, ocupa-se de ski, turismo terrestre e fluvial, alpinismo, exposições, etc., e mantem relações com o estrangeiro.



Vista em conjunto do Pistany

UM CLIENTE SINGULAR

CONSULTÓRIO *de um médico. Mesa lacada de branco. Armário de cristal e ferro lacado onde, num rádio de sol, faísca o instrumental cirúrgico. Marquise niquelada sôbre a qual incidem focos eléctricos móveis. Silhares de azulejo branco. Mosaicos. Irradiadores.* — O Medico, *cincoenta anos, forte, sacudido, face dura e enérgica, blusa branca profissional, está sentado à mesa.* O Doente, *mais de cincoenta anos, nervoso, curvado, míope, vestido de preto, um cache-nez de lã verde ao pescoço, acaba de entrar e roe as unhas, inquieto.*

O MEDICO — Queira sentar-se.

O DOENTE, *sentando-se* — Disseram-me que o senhor doutor era bom médico. Venho consultá-lo.

O MEDICO — Muito bem. Como se chama?

O DOENTE — António Mangualde.

O MEDICO, *escrevendo.* — António Mangualde. — Casado?

O DOENTE — Não sei qual é o estado melhor para a saúde. Mas, se fôr preciso, caso-me.

O MEDICO, *escrevendo.* — Solteiro. — Que idade?

O DOENTE — A idade não me parece que tenha importância.

O MEDICO — Tem, sim senhor. Há doenças que são próprias de determinadas idades.

O DOENTE — Mas, como não posso ter mais nem menos anos do que tenho, acabou-se.

O MEDICO, *escrevendo.* — Idade incerta. — Profissão?

O DOENTE — Isso são indicações para mandar à polícia?

O MEDICO — Não, senhor. E' a sua ficha. E' para eu o conhecer. Para saber, a todo o tempo, quem o senhor é e o que tem.

O DOENTE — Mas que interêsse tem o senhor doutor em saber a minha profissão?

O MEDICO — Também há doenças próprias de certas profissões.

O DOENTE — Como eu não tenho profissão nenhuma e vivo dos meus rendimentos, parece-me que, por êsse lado, não há perigo.

O MEDICO, *escrevendo* — Capitalista, não é verdade?

O DOENTE — Talvez seja melhor não pôr lá isso, senhor doutor. Tenho um mêdo dos ladrões, que o senhor doutor não faz i

O MEDICO — Descance. A ficha não sai do meu poder.

O DOENTE — Não existem, penso eu, doenças próprias dos capitalistas.

O MEDICO — Engana-se.

O DOENTE — Então quais são, senhor doutor?

O MEDICO — A gôta, a diabetes, a obesidade e outras.

O DOENTE — Peço desculpa, mas não acredito.

O MEDICO — Porquê?

O DOENTE — Porque, se isso fôsse verdade, já não havia na Rússia homens gordos, nem gotosos, nem diabéticos.

O MEDICO — E o senhor sabe se há?

O DOENTE — Se eu deixar de ser capitalista, tenho logo as doenças próprias das pessoas que morrem de fome.

O MEDICO — Que médicos o teem tratado?

O DOENTE — Em consultórios, nenhum.

O MEDICO — Já me tinha querido parecer.

O DOENTE — E não volto mais, porque entendo que isto assim não está bem.

O MEDICO — Não compreendo o que quer dizer.

O DOENTE — Qual de nós é que paga a consulta? Sou eu, ou o senhor doutor?

O MEDICO — É o senhor, evidentemente.

O DOENTE — Então, parece-me que sou eu que tenho o direito de fazer perguntas ao senhor doutor, e não o senhor doutor que tem o direito de m'as fazer a mim. Eu venho aqui para o consultar, e não para ser consultado.

O MEDICO — Ha médicos que tratam os doentes sem os interrogar. São os veterinários. Se prefere, indico-lhe um.

O DOENTE — Muito obrigado. Não é preciso incomodar o seu colega.

O MEDICO — Vamos a saber. O senhor o que tem?

O DOENTE — Era isso o que eu queria que o senhor doutor me dissesse.

O MEDICO — De que se queixa? De que sofre?

O DOENTE — Por emquanto não me queixo de nada.

O MEDICO — Então, que veio o senhor cá fazer?

O DOENTE — Creio que não é indispensável estar doente para consultar o médico.

O MEDICO — Se o senhor consulta o médico quando tem saude, naturalmente quando estiver doente consulta o advogado. — Devo preveni-lo de que tenho a casa cheia de clientes. Não posso perder tempo.

O DOENTE — Eu também sou um cliente.

O MEDICO — Mas o que pretende o senhor?

O DOENTE — Quero que o senhor doutor me observe.

O MEDICO — Para quê, se não se queixa de coisa alguma?

O DOENTE — Porque desejo que o senhor doutor me diga qual é a doença de que hei-de sofrer.

O MEDICO — O senhor está a brincar comigo?

O DOENTE — Eu sou um homem de certa idade, senhor doutor, incapaz de brincar com coisas sérias. Eu vim consultá-lo, porque tenho andado muito preocupado. Já passei bastantes noites sem dormir.

O MEDICO — Isso é com um psiquiatra, ou com um neurologista.

O DOENTE — Não é, não senhor. Eu estou em meu perfeito juizo.

O MEDICO — Então, o senhor quer que eu lhe diga o que não tem?

O DOENTE — Quero saber quais são os perigos que me ameaçam, senhor doutor. Quando um homem chega á minha idade, deve ser cauteloso e previdente.

O MEDICO — E o senhor está convencido de que é possivel, a todos os momentos, prever os perigos que nos ameaçam?

O DOENTE — Dentro de certos limites, parece-me que é. No que respeita a doenças, bem entendido.

O MEDICO — Pois eu não tenho êsse dom, meu caro senhor.

O DOENTE — Admira, porque o senhor doutor estudou.

O MEDICO — Posso apenas dizer-lhe qual é o estado actual do seu organismo. Se isso lhe convém, estou ao seu dispôr.

O DOENTE — Convém-me, sim senhor. Desde que o senhor doutor conheça o estado do meu organismo, pode responder á pergunta que desejo fazer-lhe.

O MEDICO, *levantando-se.* — Dispa-se.

O DOENTE — É preciso despir-me?

O MEDICO — Decerto, para o observar.

O DOENTE — Eu vou dizer ao senhor doutor, francamente, o meu propósito. Resolvi consultar

o médico para saber, com todas as probabilidades, a doença de que hei-de vir a morrer. Esta idêa, sobretudo desde que fiz o meu testamento, tem-me preocupado muito.

O MEDICO — Mas para que quer o senhor saber de que morre?

O DOENTE — Em primeiro lugar, para me defender do mal emquanto fôr tempo. E, em segundo lugar, para me ir habituando.

O MEDICO — Que vantagem tem isso? Morre-se da mesma maneira.

O DOENTE — Desde que uma pessoa se habitue à idêa de que morre de determinada doença, deve custar menos a morrer.

O MEDICO — Parece-lhe?

O DOENTE, *tirando o cache-nez e o casaco.* — E depois, se houver a felicidade de acertar com um bom médico, pode-se morrer curado.

O MEDICO — Dispa-se todo. Nu da cintura para cima.

O DOENTE, *despindo-se.* — O senhor doutor tem aquecimento central?

O MEDICO — Não se quer ir habituando já à idêa duma pneumonia?

O DOENTE — Muito agradecido. Das pneumonias defendo-me eu. Se me dá licença, ponho outra vez o cache-nez.

O MEDICO, *auscultando o doente.* — Respire com fôrça. *(Pequeno silêncio).* Não tem nada nos pulmões. — Agora, não respire. *(Novo silêncio).* O coração está bom. É o coração da sua idade.

O DOENTE — Não poderia arranjar-se um coração mais moço, senhor doutor?

O MEDICO — Agora, sente-se. Vou vêr a sua tensão arterial. Ponha o braço sobre a mesa. *(Coloca o aparelho; comprime; a agulha oscila).* 13. Está bem.

O DOENTE — Eu logo vi que havia de ser o 13.

O MEDICO — Porquê?

O DOENTE — O número 13 persegue-me. Nasci no dia 13. Hoje são 13, e lembrei-me de vir consultar o senhor doutor. Com certeza, morro num dia 13.

O MEDICO — O senhor pensa demais na morte.

O DOENTE — Todos pensam na morte, senhor doutor. Com a diferença de que uns calam-se, e os outros têm a franqueza de o dizer.

O MEDICO — Só pensa na morte quem tem tempo para isso. É bom para os capitalistas neurasténicos, como o senhor. — Deite-se na marquise. *(O doente executa).* Levante as pernas.

O DOENTE, *emquanto o medico lhe apalpa o ventre.* — Como o senhor doutor vê, operei-me.

O MEDICO — Teve uma apendicite?

O DOENTE — Operei-me para não a ter.

O MEDICO — E àmanhã corta as pernas para não ter uma gangrena das extremidades. Se todos fossem como o senhor, os operadores estavam ricos.

O DOENTE — Mesmo assim, estão. — Eu entendo que se devem cortar os orgãos inúteis.

O MEDICO — Nesse caso, havia muita gente que cortava a cabeça. E quem lhe disse ao senhor que o apêndice é um orgão inútil?

O DOENTE — Se o senhor doutor me explicar para que êle serve...

O MEDICO — Bem. Não há nada de novo. O seu fígado é normal. O senhor não bebe?

O DOENTE — Só águas minerais, bacteriológicamente puras. E, ainda assim, filtro-as e fervo-as.

O MEDICO — Para quê, se elas são bacteriológicamente puras?

O DOENTE — As águas, são; mas não são as rolhas, nem as garrafas.

O MEDICO — Admira que o senhor tenha tanto medo dos micróbios e roa as unhas. — Está bem. Vista-se.

O DOENTE *descendo da marquise e vestindo-se.* — E então o senhor doutor o que me diz?

O MEDICO — Por emquanto, não lhe digo nada. Vá àmanhã à minha clínica, ao Hospital. Ás 8 da manhã.

O DOENTE — Para ficar no Hospital?

O MEDICO — Não. Para o vêr aos raios X. Precisa, além disso, de várias análises. Depois lhe direi.

O DOENTE — Mas isso custa muito caro, senhor doutor.

O MEDICO — O senhor é um doente pitoresco. Não lhe levo dinheiro.

O DOENTE — Muito agradecido. — E o senhor doutor diz-me, depois, de que eu virei a morrer?

O MEDICO — Digo-lhe quais são os pontos fracos do seu organismo. Já isso constitui uma indicação.

O DOENTE — Creia o senhor doutor que é uma grande tranquilidade para o meu espírito saber o fim que me está destinado.

O MEDICO — Tranquilidade?

O DOENTE — Tranquilidade, sim, senhor doutor.

O MEDICO — Não compreendo. Então, se eu lhe disser, por exemplo, que tem um cancro na estômago, o senhor é mais feliz por isso?

O DOENTE — Mais feliz, não sou. Mas sei a tempo o que tenho, e opero-me. E se o souber mais tarde, já não me posso operar.

O MEDICO — Além disso, ainda que eu verificasse que o senhor tinha êsse mal, não podia de modo algum afirmar-lhe que viria a morrer dêle.

O DOENTE — Efectivamente, podia morrer da cura.

O MEDICO — Ou de qualquer doença aguda intercorrente. O homem, meu caro senhor, tem na vida a dolorosa certeza de que morre. O que torna para nós suportável a consciência dessa fatalidade, é o facto de não sabermos nem como, nem quando chegará a nossa hora. Todos nós somos condenados á morte; e se semelhante situação é compatível com uma certa alegria de viver, é porque nenhum de nós sabe nem o prazo, nem a maneira porque a sentença inexorável se cumprirá. Ora, o senhor quer privar-se do único bem que lhe resta, que é o da ignorância, ou, se preferir, o da ilusão. Se estivesse na minha mão dizer-lhe em que condições ou dentro de que tempo o senhor ha-de morrer, a sua vida passaria a ser um suplício. Mas não posso fazê-lo; e, se pudesse, não o faria. Os médicos, meu caro senhor, acima do dever de curar, têm o de ser criadores de ilusões.

O DOENTE — Mas, se eu viver na ilusão e no desconhecimento do meu mal, morro mais depressa.

O MEDICO — E o senhor imagina que se pode prever, a longo prazo, qual será o fim duma pessoa que se encontra de perfeita saude? A doença espeita-nos de todos os lados; tudo, em volta de nós, é uma causa de morte. Muitos de meus doentes têm morrido de enfermidades diferentes daquelas de que toda a vida os tratei. O senhor come um prato de morangos frescos, e pode, se tem uma ligeira ferida na bôca, morrer de um tétano. Quem o poderia prever?

O DOENTE — Isso é que eu não morro, senhor doutor.

O MEDICO — Porquê?

O DOENTE — Porque nunca mais como morangos.

O MEDICO — A morte é uma tômbola, meu amigo. Nós não temos a morte que queremos; temos a que nos cái em sorte. Peça a Deus que lhe dê o prémio grande. Uma hemorragia cerebral fulminante, por exemplo. Morre-se com tanta comodidade, que nem se dá por isso.

O DOENTE — Em todo o caso, senhor doutor, eu sempre gostava de saber...

O MEDICO, *estendendo-lhe a mão* — Está bem. Ponha o cache-nez, e até ámanhã.

O DOENTE, *saindo, míope, a tropeçar nos móveis.* — Até àmanhã, senhor doutor.

O MEDICO — Uff! *(Escrevendo, quando o doente sai)* «Estado ansioso. Preocupações nosofóbicas. Fundo degenerativo provável. Neurastenia».

(Vozes, na rua. Um automóvel que pára, subitamente. Ruído de klaxons. Vidros quebrados. Gritos)

A ENFERMEIRA, *entrando, pálida.* — Senhor doutor... O doente que saiu daqui, agora...

O MEDICO. — Que foi?

A ENFERMEIRA — Ia atravessar a rua, um automóvel colheu-o e esmagou-lhe a cabeça...

O MEDICO — Eu bem lhe dizia que era impossível prever! *(Indiferente à enfermeira).* Mande entrar outro doente.

Júlio Dantas.

Desenhos de Alfredo Morais.

A BALA favorita do dia

DESDE que o homem se viu forçado a defender-se, tem sempre usado uma arma e gostou sempre de andar armado, para fazer face a qualquer emboscada.

As armas foram continuamente mudando de forma e de material, passando por feitios e generos os mais bizarros, não sendo das menos curiosas a queixada de burro com que Sansão derrubou os filisteus.

Está claro que de tudo se lançava mão, e se lança hoje ainda, desde a pedra, primeiro treino da humanidade na arte de atacar, até ao arrocho arrancado ao tronco de uma arvore.

Ha ainda quem prefira as proprias mãos, quando os pulsos são valentes e as unhas fortes e aguçadas, para um bom sôco ou um bom arranhão.

Mas, como nem todos têm a força natural precisa para uma defesa segura ou um ataque eficaz, houve que inventar outros meios em que a perícia e a agilidade suprissem a falta da natureza.

E apareceram então os mestres atiradores de arma branca e arma de fogo.

O florete era o jogo elegante e airoso, onde os contendores competiam em *souplesse* e onde a ponta do ferro tocava mais nitidamente ainda nos corações femininos do que no peito do adversario. O sabre, mais bruto e mais agressivo na sua maneira de dar para baixo, não tinha encanto para as espectadoras desses torneios de força e de astucia.

Quem levou a primazia, sobre todas as formas de atacar — e só atacar, porque não ha maneira de com elas aparar golpes — foram as armas de fogo.

O seu emprego chegou a ser uma volupia para os seus manejadores.

Acertar no alvo, era o cumulo da superioridade do homem. Cada um queria fura-lo no sitio proprio e, quantos mais furos, melhor.

Nem todos conseguiam bons cartões e andavam muitas vezes torneando, sem nunca acertar.

E' assim tal qual, no jogo da vida. Uns dão logo com o caminho do exito e da fortuna, outros andam perdidos, tornejando-o constantemente sem atinar com êle.

O tiro foi e é o sport de chefes e subordinados.

Pelas salas do grande atirador Gastinne Renette passaram os maiores nomes da aristocracia e da democracia de todo o mundo.

Os chefes nem sempre foram os melhores discipulos do mestre francês.

Afonso XII de Espanha e depois seu filho Afonso XIII, Déroulède, Clemenceau, e muitos mais, por lá estadearam as suas habilidades e eram apaixonados pelo tiro.

Sadi Carnot e Berenger, o famoso general, eram pessimos atiradores, mas tinham essa mania, como o «violino d'Ingres». Todos querem ser mais alguma coisa do que lhes permitem as suas possibilidades de exito. Uns, mais francamente dotados, conseguem especializar-se em varios ramos; mas a maior parte é como o citado Ingres, pintor célebre que tinha a pretensão de tocar violino, no que foi sempre mediocre. Mas ele acreditava nessa sua vocação, e não largava a rebeca.

Daí a piada aos sujeitos que o imitam, na sua mania de se agarrar a coisas para que não têm geito algum.

Temos que agradecer, ao ilustre professor, a justiça que faz ao nosso desditoso rei D. Carlos, porque a justiça, numa época em que a injustiça tomou o primeiro lugar no critério dos povos, é coisa de agradecer e muito. Disse Gastinne Renette, a um jornalista que visitou as suas salas de armas, que foi D. Carlos o atirador que melhores provas deu da sua perícia, e de quem guarda os melhores cartões.

E recorda, com saüdade e palavras de grande apreço, a última visita que D. Carlos lhe fez, pouco antes da sua morte. O monarca quis, num campeonato particular, defrontar-se com os grandes atiradores Conde de Clary e Barão de Schomen, e outros dos melhores ainda. Pois o monarca português foi o triunfador, vencendo todas as dificuldades.

D. Carlos executava mesmo certos tiros de que só os grandes profissionais, como Bufalo Bill, tinham o segrêdo.

E' muito interessante a nota com que Renette fechou as alusões aos seus discípulos de marca. Alguns morreram justamente de uma bala: D. Carlos e Berenger, por exemplo, o último pelo suicido, sendo a primeira vez que acertou em cheio no alvo,— o seu coração.

As mulheres estão também atirando muito, e arreliam os homens, porque com pouco tempo de exercício já fazem varias proezas. Que elas sempre foram fortes, na arte de atirar olhares, e alguns há que ferem como balas, e vão direitinhos ao coração do desejado galanteador.

Mas chegamos agora ao ponto culminante desta crónica.

A bala tem reinado com fúria, no campo do assassinio. Parece, ás vezes, uma brincadeira, a facilidade com que um indivíduo dispara sôbre outro, com o mesmo à vontade e a mesma despreocupação, com que atira aos pratos ou aos bonecos de uma barraca de feira.

E pensa-se que talvez esta voga de bem saber disparar uma espingarda ou um revolver influa, no assassinio a tiro.

Mas parece não haver razão para êsses sustos, porque as estatísticas do crime por tal meio dão os seus autores como ignorantes no manejo dessas armas, que muitos nem conheciam até ao momento em que a cólera, a maldade ou a paixão os levou a carregar no gatilho.

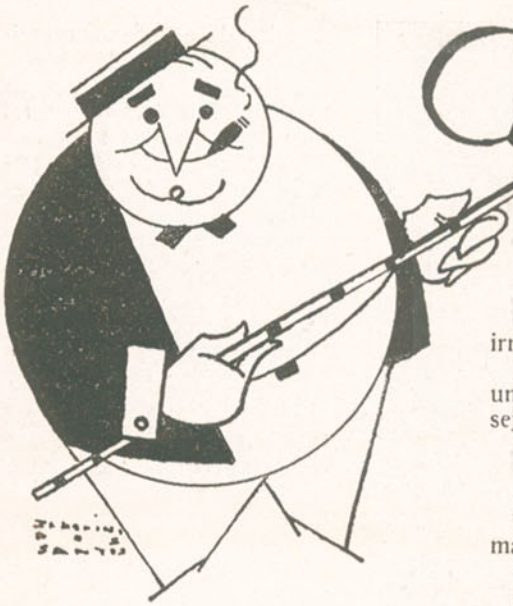
Mestre Renette, que é perito de armas no Palácio da Justiça de Paris, assim o afirma.

O que não quere dizer que a bala da pistola de um atirador ou de uma atiradora não procure, qualquer dia, um coração infiel, como alvo preferido.

E, então, só há que exprimir o desejo de que nêsse momento a mão trema e o alvo escape. E, daí, não. Se há que morrer duma bala, mais vale que ela venha por mão de mestre.

Mercedes Blasco.

Á pesca



— És muito mau, Henrique, soluçava a esposa, por tua causa vou morrer.

— Acredito, respondeu o marido, tu para me obrigares a gastar dinheiro és capaz de tudo.

■

Dum romance policial:

O desgraçado, com uma mão agitava a campainha e com a outra gritava: — Socorro... socorro...

■

Um petiz de 6 anos teima em não aprender o abecedario. Leva palmatoadas, apanha castigos e não ha maneira de dizer a letra A.

— Ó rapaz, porque é que não queres dizer a letra A, berra-lhe o pai.

— Porque assim que eu diga a letra A, obrigam-me a aprender a letra B, retorquiu o mandrião.

■

A mulher furiosa:

— Que estás tu a olhar-me cara a cara?

— Então, menina... Uma pessôa, na vida, costuma-se a tudo.

■

— Quando lhe dei a bofetada, ficou branco como a tua camisa.

— Como a minha camisa?!

— Sim, como a tua camisa, quando a vestiste ha dois meses.

■

— Que é que os alfacinhas têm de bom? — Perguntava um saloio.

— Quasi nada, mas se lhe tirasses o pouco que têm de bom, ficavam saloios.

■

No tribunal:

Juiz — E agora explique como praticou o roubo.

O gatuno — Então isto aqui é um tribunal ou uma escola?

No quartel:

O capitão — Olha lá, porque é que não fizeste a continencia ao senhor tenente?

O soldado — Porque o tenente é meu irmão.

O capitão — Aqui não ha parentes e um soldado tem que respeitar nem que seja o pai.

■

— O vinho é um venêno.

— Não digas tolices, a agua é muito mais perigosa e mata muito mais.

— Estás doido.

— Basta recordar o diluvio universal.

■

— Eu cá, por mais que faça não posso viver com cinco contos por mês.

— Porquê?

— Porque os não tenho.

■

Israel encontra Samuel e diz-lhe:

— Se me convidares para jantar digo-te uma coisa que vale mais do que um conto de reis.

Samuel, ao cheiro dum bom negócio leva-o para casa onde jantam como uns principes.

Á sobremesa, Samuel indaga:

— E agora que já jantaste, cumpre a tua palavra. Qual é a coisa que vale mais do que um conto de reis?

— São dois contos de reis, declarou o Israel.

■

Dois automóveis chocam-se numa volta e um deles fica despedaçado.

— Exijo um duelo, diz o dono do automóvel que ficou inteiro.

— E eu exijo uma reparação, contesta o outro.

■

Maneira de conseguir uma bôa biblioteca:

Não emprestar nenhum livro e ficar com todos que nos emprestam.

■

Entre pais:

— Porque obrigas o teu filho a andar com luvas de box?

— É para não meter os dêdos no nariz.

■

No comboio:

O revisor — Então o cavalheiro entrou para a primeira classe com um bilhete de terceira?

O passageiro — Peço desculpa, mas julguei que tinha entrado para a segunda classe.

O português — Da janela do meu quarto tenho uma vista linda.

O espanhol — E eu tenho duas.

■

Entre marido e mulher:

— E se nós fossemos ao Barbeiro de Sevilha?

— Mas minha filha, tu não sabes que ao domingo os barbeiros estão fechados?

■

— E a sua filha ajuda-a muito no arranjo da casa.

— A minha filha, como não servia para nada, já a puz a servir.

■

Discutem-se pessoas gordas:

— Não conheço ninguém tão gordo como o Guimarãis. Para sair de casa tem que abrir as duas portas da rua.

— Muito mais gordo é o Ribeiro, que só entra para o automóvel com calçadeira.

■

— E porque te resolveste a ser médico?

— Porque é a única profissão em que nos pagam o mesmo, quer o serviço saia bem ou mal.

■

— Mas se eu não tenho nem crianças, nem cães, nem telefonia sem fios, porque é que não me querem alugar a casa?

— Porque o senhor está velho, explicou o porteiro, e o senhorio não quere enterros na escada.

■

Numa espera de touros em Vila Franca de Xira, o Lopes, foi colhido por um touro que se tresmalhára e levado ao hospital para receber curativo.

— Vejam lá um ingrato daqueles, dizia o Lopes, à marrada a mim, que toda a vida tenho sido vegetariano.

■

— Porque não compras uma máquina de escrever?

— Porque tenho o costume, quando acabo de escrever, de pôr a pena atrás da orelha.

Ora imagina que fazia o mesmo com a máquina... Até era capaz de partir a cabeça.

O pescador — **Lino Ferreira.**

PELO MUNDO FÓRA

Mistinguett

Apesar da sua idade—já deve andar pelos cincoenta e muitos—Mistinguett, continúa sendo a grande «fantaisiste» das revistas parisienses. Como sempre, exibe, nesta sua última fotografia — diz o reclame—as mais lindas pernas francesas, no dizer do falecido escritor Gomez Carrillo.

O fim duma «Miss»...

«Miss» Universo de 1931, casou há dias, em Bruxelas, com Van den Bosch. O casamento realisou-se na igreja de St. Jacques—sur—Candenburg. Ser casado com a mais linda mulher do mundo deve ser motivo de orgulho...

A «Família Voadora»

Os membros da «Familia Voadora» — pai, mãi e duas filhas — e quatro mecânicos, cairam nas Costas da Groenlandia, quando atravessavam o Atlântico. Foram todos recolhidos pelo vapor «Lord Talbot,» a bordo do qual foram fotografos, no meio da tripulação.

— A BARBA OU O CABELO?

No tempo da uva...

Entre nós quasi passou despercebido o tempo da uva... Em França não. Houve regiões onde êle se festejou, com grande animação. Estes tres belos sorrisos, mostram-nos bem, quanta alegria reinou numa vila do «Midi...» O fotografo «colheu» esta fotografia quando elas «colhiam» cachos formosissimos do precioso fruto ,,

Os 85 anos de Hindenburg

Comemorando o 85.º aniversario do Presidente Hindenburg, realizou-se em Berlim, uma grande festa religiosa. A' esquerda do Marechal, que parece estar rezando, vê-se o general Von Schleicher e à direita o capitão Goering.

O desarmamento

A primeira reunião da 68.ª sessão da S. D. N., foi presidida por De Valera. Nela se tratou unicamente da questão do desarmamento. Na gravura, vêm-se da esquerda para a direita: De Madariaga, Von Neurath, Aloisi, Paul Boncour, De Valera e sir Eric Daummond.

Um «Théatre de Verdure» em Paris

O velho bairro de Montmartre, em Paris, foi animado, ha dias, por iniciativa dum grupo de artistas, com um «Teatro de Verdura». Aproveitou-se a praça de S. Pedro, em frende do «Socré-Coner», e representou-se, em pleno ar livre, a peça «Guilherme Tell». Foi um espectaculo soberbo, presenciado por alguns milhares de pessoas.

O espírito francês...

A última «Miss» Paris, anda viajando pela Europa, em viagem de propaganda de produtos de beleza duma casa francesa. Na Holanda, deixou-se fotografar, na «tenue» que se vê na gravura. Uma revista parisiense, pôs como legenda, neste «cliché», o seguinte: «Sirgulière façon de représenter la France».

Em Paris

O casamento do filho do Presidente da Republica Francesa — Jean Lebrun — com Bernardette Marin, realisado, com grande pompa, na igreja de Rambouillet, foi dos maiores acontecimentos mundanos da última quinzena, em Paris.

Em Londres

A princesa Ali Shah, mãi de Agha Khan, de 88 anos, esteve em Londres o mês passado e visitou Jorge V. Ei-la, coberta por uma farta roupagem branca, entrando, com as suas damas, no palácio real londrino.

CINEMA

REVISTA DAS ESTREIAS

O facto mais notável da época cinematográfica que vai correndo é a competição árdua que se nota entre os exibidores, empenhados em estabelecer o seu predomínio no mercado. A conseqüência mais importante, para o público, dessa competição é uma excelente escolha dos programas e, mais ainda, a sua absoluta actualidade.

Dois dos filmes exibidos últimamente confirmam, de modo evidente, o que dizemos. Ambos foram exibidos na nossa capital ainda antes da sua apresentação em Paris o que, mesmo abstraíndo de todos os intuitos publicitários que houve em vista, constitue um facto absolutamente significativo. Ambos oferecem além disso um alto interêsse para o público francês, já por se tratar duma produção francesa — é o caso de «O Rei do Beijo» — já por ter caracter internacional, como em «Allô, Paris! Aqui fala Berlim!». Bem sabemos que o facto não é inédito entre nós. Dera-se já com outras produções de renome, entre elas «O Milhão», de René Clair. Apraz-nos, contudo, registá-lo pelo sintoma seguro que êle representa de que o nosso país se vai integrando na sua época, com a melhor vontade.

E' bastante diverso o valor dos dois filmes que motivaram as considerações presentes e que só por virtude delas aproximámos. «O Rei do Beijo» é mais um filme de Georges Milton, o menos feliz talvez da série que já vai um pouco mais longa do que o bom gôsto indicaria. Milton é um actor cómico de certas qualidades e é inegável que tem o seu público, um público entusiasta que não lhe regateia gargalhadas. Os seus filmes são porisso obras para a multidão que mantem ainda hoje uma ancestral simpatía pela ironia chocarreira. Mesmo, porém, sem ascender a um artificioso plano intelectual, é impossível deixar de reconhecer tudo o que há de grosseiro no tipo por êle popularizado. Têm os produtores sabido utilizar de modo proveitoso essa admiração inconsiderada do grande público, e daí o seu êxito crescente. Seria, contudo, ilógico ir procurar o mérito dum artista na razão directa do seu triunfo. Milton é, de facto um artista aproveitável dotado de bôas condições para actor de cinema, mas incapaz de justificar por si só um filme tecido à volta da sua figura vulgar.

No que diz respeito ao entrecho do filme, pode dizer-se que o espírito da obra de Fristem Bernard, de que êle é uma adaptação, foi deturpado. A figura central tal como o leitor da peça, e decerto o comediógrafo, a imaginaram, encontra-se a uma enorme distância da personagem por êle criada.

Sylvia Sidney

«Allô, Paris! Daqui Berlim», é, em oposição, um filme cheio de originalidade que merece ser estudado com interêsse por todos que vêem no espectáculo cinegráfico alguma cousa mais do que um passatempo.

Esta criação recentíssima de Julien Duvivier é uma obra de grandíssimos defeitos e admiráveis qualidades. Por isso mesmo é um filme notável, traçado fóra dos moldes corriqueiros e que define uma personalidade vigorosa. O argumento é uma *trouvaille*, fácil talvez, mas de grande efeito. É um dêsses raros argumentos que nasceram designadamente para o fonocinema e onde o som tem sempre uma função oportuna.

Não é razoável a comparação que, a propósito dêste filme se estabeleceu entre René Clair e Duvivier. Ambos exploram a ironia, e a ironia é a revolta do artista. Mas, ao passo que no primeiro essa revolta é subtil sendo profunda, desconcertante sendo lógica, no segundo é explosão rude, quási brutal, que busca o grande efeito. Qualquer comparação, nos parece, neste caso, descabida.

Voltando ao filme, há nele cenas excelentes em que se manifesta um sentido bem particular da comicidade. Sobretudo, a visita a Paris e a recepção presidencial merecem ser mencionadas. Nesta última há a notar, por outro lado, um excessivo prolongamento, tanto mais sensivel quanto é verdade que se trata dum facto meramente acessório.

Fácil seria ainda apontar outros defeitos que não invalidam o valor desta obra notável. Há pormenores de mau gôsto, outros de obscura intenção, como no caso das linhas férreas em *maquette*. O que importa atender é à revelação dum grande realizador, de posse dum estilo que, sem ser ainda seguro, é já bastante definido.

Quanto à interpretação, é um filme sem *vedetas*. Melhor do que isso, é um filme bem interpretado, em cujo conjunto de intérpretes se não nota a mais ligeira discordância.

Precedeu de uma semana êste filme uma comédia com Kate de Nagy, intitulada «A Bela Aventura». Cercada de admiráveis *decors* naturais, por vezes fracamente justificados, a acção decorre com interêsse. Lucien Baroux, grande comediante francês tem o melhor trabalho do filme.

Estreou-se ainda, digno de menção, a opereta «Um rapaz encantador», filme cantado e dançado quási da primeira à última cêna. Seria fatigante se a música não fôsse excelente. Mesmo assim, há talvez um excesso de canções que só a sua grande qualidade torna suportáveis.

M. L. Rodrigues.

Cecil B. de Mille, trabalhando na preparação do seu proximo filme

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

D'Artagnan

D'ARTAGNAN *vai ressurgir na tela!*

Em breve, muito breve talvez, a sua sombra perpassará ante nós no écran dum grande cinema da capital. E desta vez teremos um D'Artagnan sonoro, embora sóbrio de palavras como o são, tradicionalmente, os gascões.

Aimé-Simon Girard, um actor que foi célebre e que esquecera já, vai ressuscitar no cinema a mais popular das criações de Dumas. Tal como o fizera já na versão silenciosa exibida há quási dois anos, é êle que encarnará a figura célebre do destemido mosqueteiro.

«Os Três Mosqueteiros», romance essencialmente cinematográfico, mereciam em absoluto esta reposição. Confiada a sua interpretação ao grande artista de «Fanfan-la-Tulipe» é de esperar que resulte uma obra notável, digna do entrecho animado e pitoresco que lhe serve de base. — M. R.

*

* *

Pirandello, que durante muito tempo mostrou relutância em permitir que as suas obras fôssem adaptadas ao cinema, mudou totalmente de opinião, talvez como conseqüência do advento do cinema sonoro.

«Acciaio», extraído duma obra do famoso dramaturgo, está já em preparação em Roma. Como protagonista êste filme terá a actriz Marta Abba' E a realização foi confiada ao conhecido artista alemão Walter Rutmann, o admirável realizador da «Sinfonia duma capital».

Da colaboração de dois tão originais talentos como o de Pirandello e Rutmann, legítimo é esperar uma obra cinegráfica de invulgar valor.

*

* *

Afinal Lily Damita recusou o papel, prèviamente destinado a Greta Garbo, no filme «O Rei dos Fósforos», cuja realização vai começar em breve com outra actriz ainda não anunciada.

Esta recusa foi motivada pela exigência da emprêsa que pretendia manter ao papel todas as características fixadas quando se tencionava ainda que Greta Garbo o interpretasse. Os próprios vestidos desenhados para esta actriz deveriam, no entender dos dirigentes da produção, ser usados pela artista que a substituia.

Lily Damita, ciosa da sua personalidade — ou talvez temendo um confronto! — recusou aceder a estas exigências.

«O Rei dos Fósforos» será, portanto, interpretado por outra actriz e não faltarão, decerto, jovens ambiciosas que, cheias de vontade, se submeterão às imposições dos produtores.

Tallulah Bankhead, uma notável actriz inglesa

*

* *

Á margem da produção industrial de filmes, uma arte mais individual e requintada se desenvolve que encontra abrigo nos chamados *cinemas da vanguarda*, salas especializadas na exibição dessas obras individuais em que extraordinários valores se revelam por vezes.

Um dêsses cinemas da vanguarda de Paris, exibiu há algum tempo uma série de quatro pequenos filmes dum género original e a que se fizeram as mais elogiosas referências.

Cada um dêsses pequenos filmes constitui a transposição em imagens duma composição de Schubert. É um conjunto de imagens, ora alegres ora tristes, composto com uma delicada intüição, e do qual se pretende obter uma emoção idêntica à da peça musical. Nelly Aska é a realizadora dessas pequenas obras primas. A sua enscenação faz-se notar pela sobriedade e pela ausência completa de personagens. A paisagem ocupa todo o filme que não tem outra seqüência senão a do próprio encadeamento dos motivos musicais.

Neste caminho se poderia talvez procurar um sentido superior da arte cinegráfica. Infelizmente êle afasta-se um tanto dos trilhos seguidos pela indústria, e por isso só muito tarde êste género sairá dêsses laboratórios que são as salas de vanguarda.

*

* *

Walter Disney prossegue há muito tempo as suas experiências no sentido de modificar totalmente a arte dos desenhos animados.

Como dissemos o inspirado criador de «Mickey-o-rato» pensa utilizar nas suas obras a singular ideia de desenhar os sons. Como sabemos, os sons são registados na margem da película por uma imagem sinuosa que um dispositivo do aparelho de projecção, chamado *leitor de sons*, transforma depois em ruídos, música ou palavras.

A ideia que Walter Disney agora pretende pôr em prática consiste em desenhar essa imagem na margem da película, criando assim uma música nova que nascerá no próprio aparelho de projecção sem que antes disso tenha sido executada.

A aplicação desta ideia daria perspectivas vastíssimas ao desenhador de sons que poderia depois procurar novos efeitos e encontrar ruídos e rítmos inéditos.

Robert Montgomery, durante o seu almoço no estúdio

SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS

SIENKIEWIEZ escreveu ha muitos anos: "O que sustento apenas é que não ha mulher nenhuma no mundo que resista ao homem a quem ame com verdadeiro amor. A mulher abriga um traidor dentro de si, e êsse traidor é o coração». Talvez não e talvez sim. Quanto ao traidor é verdade. E ás vezes não se contenta só em

as atraiçoar a elas. Atraiçoa todos, que lhe passam perto. Mas lavado pelas lágrimas, e enxuto pelo tempo, fica como novo.

*

JÁ têm seguido um bebado que vocifera sósinho, pela noite alta? Pois ás vezes é curioso. O que êles dizem, os comentários que fazem, as notas bizarras que põem na critica ou na revolta, na queixa ou na ironia!

Os bebados! Bebados de champanhe, ou da Bairrada, de bagaceira ou de whisky e soda, de Benedictine ou de cachaça todos tem a sua filosofia.

E ás vezes razão como todos os diabos.

*

MAX Stirner diz que: "Os comunistas sustentam que a terra pertence ao que a cultiva e os seus productos aos que as fazem nascer. Eu penso que pertence ao que sabe apoderar-se dela ou que a não deixa arrebatar». Já era comunista ha mais de meio seculo Max Stirner!

*

LEMBRO Max Stirner ainda, filósofo alemão que defendia o egoismo libertário e que morreu de fome em 1856. Não temos em Portugal nenhuma traducção da sua obra *der Einzige und sein Eigentum (o Unico e a sua propriedade)*, o que dá a nota do nosso atrazo mental e do que dispensamos á nossa curiosidade. Diz êle: Aquilo que cada um pode ser é o que é. O desfavor das circunstâncias poderá impedir ao que nasceu poeta de ser o primeiro do seu tempo e não lhe permitir que êle produza obras magnificas privando-o dos demorados mas indispensáveis estudos perliminares; mas fará versar quer seja creado de mesa ou tenha a sorte de viver na côrte de Weinar. O musico fará música, ainda que tenha, por falta de instrumento de soprar em uma cana».

É assim mesmo.

*

O girasol é uma planta que ávida de sol constantemente se volta para êle.

. . . . . .

Que lindo jardim de girasois que é a vida. O sol é que não é um, são muitos. E dão por vários nomes. Rei, presidente, ministro, director, chefe, etc. E a êles, aos girasois, chamava-se, no nosso tempo de escola... manteigueiros.

*

A França prepara-se para lançar o maior paquete do mundo, 73.000 toneladas, mais 13.000 do que o maior até agora construído. Ficam-lhe aquem os antigos colossais alemães *Vaterlaud e Imperador*. Pouco tempo lhe durará o penacho. A Inglaterra ou a Alemanha lho arrebatarão. E muito pouco viverá quem o não veja.

*

HÁ dez anos que Mussolini é quem serra de cima na Itália. A contento dos italianos? Assim parece, pois que ninguem se queixa e os que se queixam tratam-se logo a óleo de rícino o que faz com que os que não querem ver fiquem com os olhos abertos para reconhecer as excelências do fascismo e de Mussolini. E se os olhos se tentam fechar para não ver Mussolini manda-os alumiar da sua divina graça... com mais óleo de rícino.

*

NESTA ancia de reformas e melhoramentos, ainda ninguém deu fé de que o Limoeiro é, como cadeia, uma vergonha; o Cais do peixe uma miséria; a Boa-Hora uma infamia. Há mais, e tão bom ou peior. Mas como se trata de fazer uma coisa boa... ninguém se confessa habilitado para dar fé...

*

MORRERAM ha pouco Carmen de Burgos e o Dr. Melo Viana. Carmen de Burgos foi uma mulher avançada para o seu tempo, alma debruçada sôbre o Amanhã, sedenta de perfeição e crendo num mundo melhor. Melo Viana foi a alma debruçada sôbre o passado, amorosamente vivendo os pequenos nadas da bibliografia e do coleccionismo. Ambos dois grandes amigos de Portugal, ambos meus amigos. Dizia Silva Pinto que se a gente se demora um pouco na vida a passa a acompanhar enterros. Como deve ser bela a Morte se para lá se vai conviver com almas como estas que a Morte levou agora...

*

AS grandes paixões humanas são teatro eterno. Os seus interpretes é que mudam todos os dias.

*

MANTEGAZZA na *Fisiologia do odio* diz que "a crueldade é um dos factos mais antigos e mais instinctivos da psicologia humana». E' certo. Basta abrir os jornais todos os dias.

*

UMA curiosa opinião de Jacome Rattom sôbre os funcionários públicos, que tem mais de um seculo:

"Diminua-se o seu número; deem-se-lhes ordenados com que possam passar segundo a sua necessária representação; obriguem-se a cumprir com as suas obrigações; e castiguem-se quando faltarem a elas e tudo irá bem».

*

FUNDOU-SE já entre nós a *Sociedade Portuguêsa de Gastronomia*, que tem por missão criar em Portugal o gôsto culinário, conservar as tradições da cosinha regional e apontar fraudes alimentícias, além de várias outras missões tão úteis como simpáticas. Gastronomo é o homem que sabe comer e não sinónimo de

glutão e viandeiro. Locatelli, de quem Casanova fala nas suas *Memórias*, era gastronomo e morreu aos noventa anos, mas nenhum comilão é citado nos conhecidos de vida longa. Bem vinda seja e que todos a auxiliem na simpática obra que se propõe...

Albino Forjaz de Sampaio.

ASAS PORTUGUESAS

O aviador Plácido de Abreu

fala à "Ilustração" sôbre a representação de Portugal no "Meeting" Internacional Aéreo de Cleveland

PORTUGAL desconhece, quási sempre, os valores que possui, sobretudo quando ao mérito se alia uma natural modéstia que foge aos alardes estridentes da publicidade.

Plácido de Abreu, o moço aviador que representou o nosso país na maior competição de acrobacia aérea do Mundo e que se fez aplaudir pela mais exigente das assistências, não tem ainda entre nós a popularidade a que o seu muito valor lhe dá incontestável direito. Fóra dos meios mais directamente ligados à aeronáutica portuguesa, o seu nome não é ainda bastante conhecido. O grande público não lhe tributa, por isso, tôda a admiração de que a sua audácia e a sua ciência o tornam merecedor.

Conheciamos Plácido de Abreu de nome apenas, quando ouvimos um dia o tenente-coronel Ribeiro da Fonseca, em conversa com um grupo de amigos, tecer elogios calorosos ao que êle considerava já um dos grandes «ases» da acrobacia aérea nacional. Sabiamos também que, durante a sua passagem por Lisboa, o grande aviador De Bernardi, considerado em todo o Mundo mestre supremo da acrobacia aérea, manifestára a sua admiração pela perícia e audácia do nosso compatriota. O encargo profissional deu-nos agora oportunidade de conhecer de perto o jovem aviador e proporciona-nos a agradável satisfação de dar um justo relêvo à sua figura modesta que bem merece a admiração e o carinho do público.

Plácido de Abreu começou a sua brilhante carreira no Colégio Militar, onde ingressou com dez anos de idade. Aos dezoito anos foi promovido a cadete e três anos mais tarde ascendia ao pôsto de alferes. Aos vinte e quatro anos era promovido a tenente.

Animado duma vocação decidida entrou para a acronáutica, onde os seus progressos foram rápidos, valendo-lhe a simpatia e auxílio dos seus superiores. Em 1926 obteve o *brevet* de observador e três anos depois o de piloto. Havia já algum tempo que dedicava especial interêsse à acrobacia aérea, em que as suas faculdades de grande *às* da aviação ràpidamente se afirmaram.

Como dissemos, a revelação das suas notáveis disposições valera-lhe o justo apreço de De Bernardi. Á valiosa influência dêste se deve o facto de Portugal ter sido êste ano, pela primeira vez, convidado a fazer-se representar, na pessôa do tenente Plácido de Abreu, no *meeting* internacional de aviação de Cleveland.

Já os diários portugueses disseram o que foi essa competição e o modo por que o nome de Portugal nela participou. Entendemos, porém, que o facto deveria ser destacado de entre o noticiário vulgar, pelo seu alto significado, e para êsse fim procurámos ouvir da bôca do tenente Plácido de Abreu o relato dêsse acontecimento que tanto contribuiu para prestigiar o nome do nosso país em terras de além-Atlântico.

O tenente-aviador Plácido de Abreu

Invocado êste argumento, o jovem aviador decidiu-se a conceder-nos a desejada entrevista. Acolheu-nos com a simplicidade que logo se adivinha ser-lhe habitual e dispôs-se a responder às nossas preguntas.

— A representação do nosso país no concurso aéreo de Cleveland teve carácter oficial? — inquirimos para dár início à entrevista.

— Não. O convite foi, de facto, dirigido oficialmente ao nosso Govêrno, pelas entidades organizadoras do concurso, e nêle era mencionado o meu nome. Não se dispunha, porém, de verba para ocorrer às despêsas desta representação. Nestas condições, só me restava a solução de assumir eu os encargos financeiros que ela comportava. Foi o que fiz.

— É uma atitude que o país terá que lhe agradecer, visto que só dela dependeu que o nome de Portugal figurasse entre os dos países que tomaram parte nas provas, comentámos.

— Tratava-se duma oportunidade excepcional para a nossa aviação se fazer representar numa grande competição internacional. O convite que nos foi dirigido representa só por si uma grande distinção concedida ao nosso país. Apenas seis nações da Europa — a Inglaterra, a França, a Itália, a Polónia, a Roménia e Portugal — foram distinguidas com êsses convites...

— Que são nominais... — observámos.

— Sim. As entidades que presidem à organização dêsse grande torneio aéreo indicam sempre o nome do concorrente que há-de representar cada nação.

— Quais são os fins que êste concurso têm em vista?

— Em primeiro lugar serve de incentivo a pilôtos e construtôres. Há valiosos prémios para as firmas construtôras e para os aviadores que melhor se classificam. Depois, é também uma demonstração dos progressos realizados durante o ano, dentro e fóra da América.

— Em que consistem as provas?

— Corridas de aviões de Nova York a Los Angeles; corridas em circuito fechado; provas acrobaticas; provas de auto-giros; provas militares pela aeronáutica americana; e saltos em pára-quédas.

— A quais delas concorreu?

— Apenas às de acrobacia. Só nessas, de resto, a competição teve carácter internacional, visto que nenhum pilôto europeu tomou parte nas outras.

— Quais foram os resultados mais notáveis obtidos nas outras provas?

— Turner, um pilôto americano fez em dez horas e meia a travessia do continente, de Nova York a Los Angeles, batendo o *récord* precedente. Jimmy Dolittle, outro americano, bateu, por sua vez o *récord* da velocidade em avião de rodas atingindo a extraordinária média horária

de 290 milhas, ou seja, quási 500 quilómetros...

— De todos os exercícios realizados qual lhe pareceu mais emocionante?

— As descidas em pára-quedas. Fôra traçado um círculo de 30 metros de raio no aeródromo e era dentro dêsse espaço, relativamente pequeno, que os paraquedistas deviam tocar no sólo. Um dêles realizou uma das mais assombrosas proezas que tenho tido ocasião de apreciar: Tendo-se lançado no espaço a uma altura de cêrca de 3.000 metros, só abriu o pára-quedas a 200 ou 300 metros do sólo, atingindo antes disso uma velocidade louca que aumentava de momento para momento. Digo-lhe a visão dêsse homem precipitado no espaço numa queda vertiginosa de mais de dois quilómetros é dos mais emocionantes espectáculos que se podem observar.

— Quanto às provas acrobáticas...?

— Foram bastante curiosas. Cada país procurou exibir as suas novidades. Não houve, porém, a bem dizer competição, dada a impossibilidade de estabelecer classificações objectivas para exercícios tão variados.

— Sabemos que ganhou um prémio...

— Foi-me de facto atribuído um prémio no valor de 1.200 dólares. E estou convencido de que o nosso país fez bôa figura a par dos primeiros países do Mundo em aviação ..

— Apesar das insuficiências do aparelho... — atalhámos.

— Não diga isso — protestou o tenente Plácido de Abreu com uma expressão em que se revelava uma modéstia excessiva e uma certa ternura pelo seu avião — O «Foguete» não está inteiramente adaptado a acrobacia aérea mas é um bom aparelho que tem dado excelentes provas.

— Ouvimos dizer que lhe falta o dispositivo que permite fazer o vôo invertido — insistimos.

— Assim é, de facto. O motor não está adaptado a êsse fim e, como fàcilmente compreende, a gasolina não chega ao carburador quando o aparelho se encontra voltado no ar. Mas isso não me impediu de realizar alguns dêsses vôos sôbre as tribunas da assistência. Para êsse fim procurava atingir uma velocidade considerável e, depois de voltado o aparelho, seguia com o motor parado...

Terminadas as suas provas, Plácido de Abreu, agradece os aplausos da assistência

— O que aumenta consideràvelmente os riscos de acidente — acrescentámos.

O nosso interlocutor teve um sorriso modesto, sorriso de quem está habituado a desprezar os perigos e prosseguiu:

— O «Foguete» é, como lhe dizia, um bom aparelho e a mais brilhante prova dos profundos conhecimentos técnicos do sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca. Foi sob a direcção dêste ilustre aviador e, por vezes, em desacordo com a firma construtora, que se fez a transformação dum Junkers Júnior, aparelho de fracas qualidadades, no bom avião que é o «Foguete». O motor de origem foi substituido por um Armstrong-Siddeley de 110 cavalos e foram modificados muitos pormenores da fuselagem. O resultado foi um extraordinário aumento de qualidades do aparelho, que causou surpresa ao próprio concorrente alemão, Emil Kropf, para quem não eram desconhecidas as fracas condições do avião que o sr. tenente-coronel Ribeiro da Fonseca com tanta competência transformára.

Quisemos em seguida conhecer o que o nosso entrevistado pensava acêrca dos auto-giros, que formaram um dos números das provas do concurso.

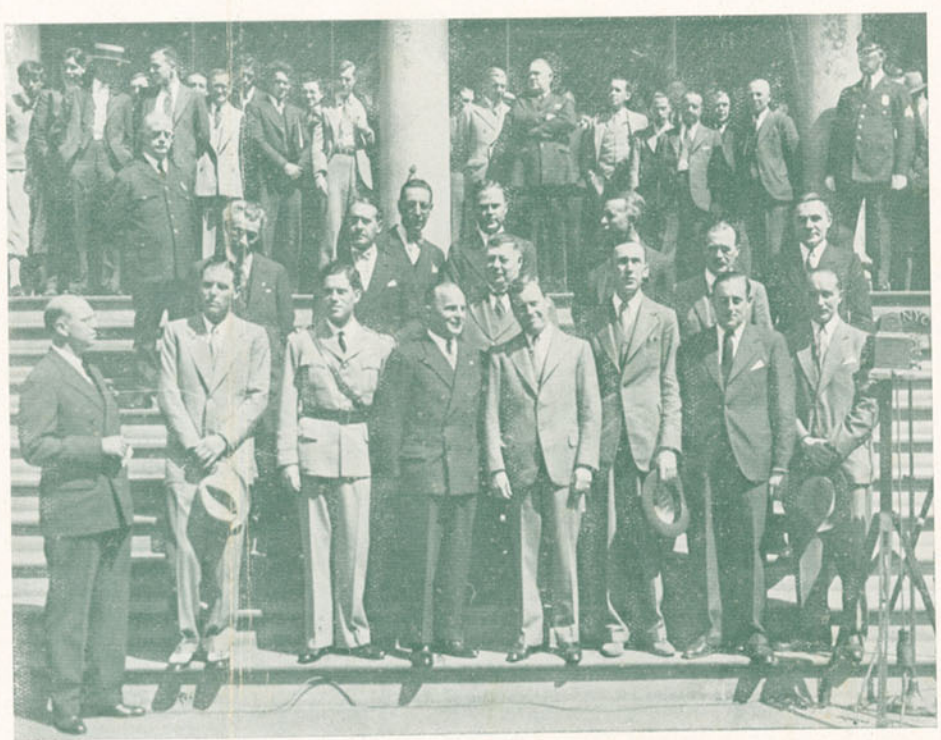
— O auto-giro têm tido na América um considerável desenvolvimento — explicou-nos êle. — Estou convencido de que em país algum os aparelhos dêsse género atingiram tão elevado grau de perfeição. Devo, no entanto, dizer-lhe que o seu valor militar é nulo e que só apresenta interêsse sob um ponto de vista turístico, por assim dizer. Têm velocidade deminuta, o que torna a sua utilização, como arma de guerra, impossível. As provas, porém, foram muito curiosas. Vimos auto-giros saltando obstáculos, levantando vôo ou aterrando quási perpendicularmente ao solo, etc.

— E as provas militares?

— Essas foram para mim a parte mais admirável do concurso. Houve simulacros de bombardeamento com pequenas bombas carregadas com uma substância detonante que eram lançadas sôbre um alvo colocado no meio do vastíssimo aeródromo. Outro aspecto muito curioso destas provas consistiu nas formações militares, impecàvelmente executadas por 17 aviões. De tudo o que vi colhi a impressão nítida do grande poder da aviação norte-americana, admiràvelmente treinada e dotada do melhor material do mundo.

— Guardadas as devidas proporções, parece-lhe que também a nossa aviação está à altura de cumprir a sua missão?

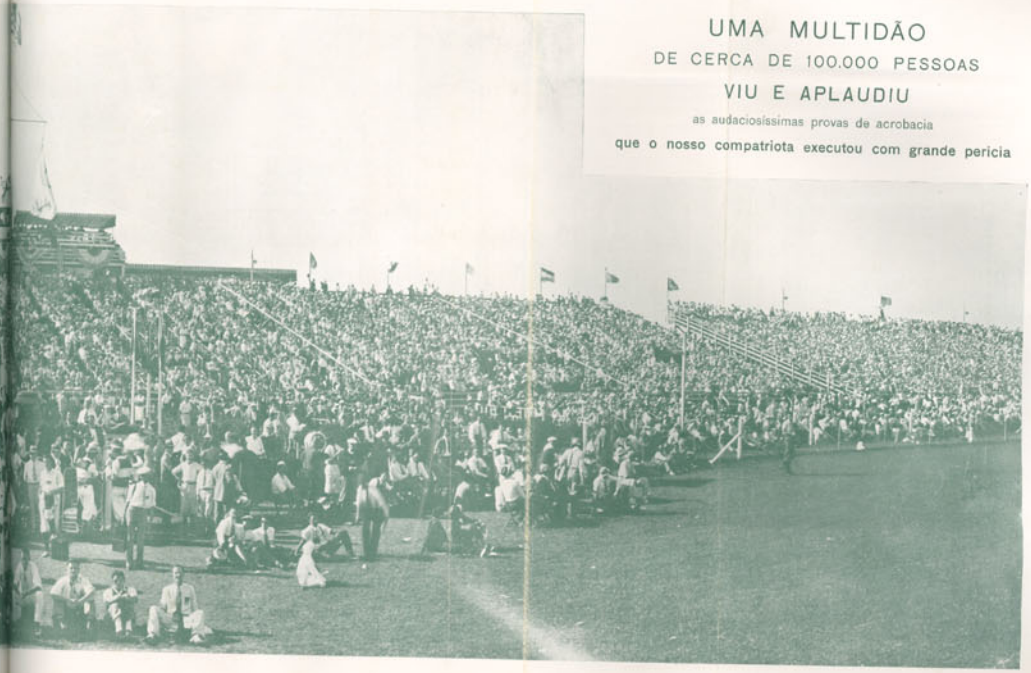
— Infelizmente, não está. Temos, sem dúvida, muito bom pessoal, mas sem o treino indispensável. A verba de gasolina para treinos é insuficiente. Em poucas horas de vôo esgota-se a verba destinada a um mês.



Um aspecto da recepção feita aos concorrentes estrangeiros pela municipalidade de New York, vendo-se entre êles o tenente-aviador Plácido de Abreu

ASPECTO GERAL
DO GRANDIOSO AERODROMO
DE CLEVELAND
onde se efectuou o "Meeting" de Aviação
de que participou o piloto português Plácido de Abreu

UMA MULTIDÃO
DE CERCA DE 100.000 PESSOAS
VIU E APLAUDIU
as audaciosíssimas provas de acrobacia
que o nosso compatriota executou com grande perícia



Também o material nos falta e o que há está antiquado. Imagine que na Amadora existe apenas um avião de treino — o «Foguete». Escusado será dizer-lhe que durante a minha viagem a América todos os meus camaradas se viram privados dêsse mesmo...

— E' o treino que faz os bons aviadores...

— Sem dúvida. E a Aviação devia merecer mais cuidados do Govêrno porque, num país pequeno como o nosso, é ela a arma defensiva mais eficiente, e até a mais económica se considerarmos o seu grande poder de acção.

— No seu entender, deveriam, portanto, ser reforçadas as verbas atribuídas no orçamento à Aviação...

— Sim. E além disso, dar-se-lhe um maior desenvolvimento, tornando a sua acção extensiva às nossas colónias. Precisamos de assegurar o nosso domínio no vasto Império que possuímos espalhado pelo Mundo. Algumas esquadrilhas de aviação seriam mais económicas do que uma grande esquadra que não podemos possuir. Vou-lhe contar um facto passado comigo: quando da minha estadia nos Estados Unidos, convivi com grande número de estrangeiros, muitos dos quais quási ignoravam a existência do nosso país. Como patriota, falei-lhes com ardor da minha terra — a terceira potência colonial do mundo. Sabe qual era a primeira pregunta que me faziam? Como se tratava de aviadores, queriam saber em que condições tinha Portugal organizado a sua aviação nas colónias. Menti-lhes, por brio patriótico, já se vê, para não ir destruir a impressão de respeito por Portugal que as minhas primeiras palavras lhes haviam provocado.

— Mas a aviação que possuimos não é, sob o ponto de vista militar, eficiente?

— Não. Como lhe disse o material é antiquado. Não temos aviões de caça como não temos aviões de bombardeamento. Os recentes exercícios sôbre Lisboa com simulacro de ataque à cidade demonstraram que a nossa defesa é precária, O tiro anti-aereo é sempre pouco eficaz e só o avião de caça pode ripostar com êxito a uma agressão dêste género. Indispensável é, para isso, possuir o necessário material.

E depois duma pausa:

— Além de constituir uma arma defensiva poderosa, cabe tambem à aviação o encargo de representar o nosso país no estrangeiro e bastante ela têm feito já nêsse sentido. Para muitos, lá fóra, Portugal só é conhecido através do nome glorioso de Gago Coutinho. Ainda agora, em Cleveland, os exercícios de acrobacia que realizei e que a Imprensa acolheu com louvores devem ter contribuído bastante, quere-me parecer, para tornar o nome de Portugal conhecido e respeitado na América. É essa a melhor recordação e o maior motivo de orgulho que trouxe da minha viagem. Entendo que temos necessidade de impôr o prestígio da nossa pátria, forte por oito séculos de tradições, e, sobretudo, de manter vigorosos os laços que nos unem aos nossos compatriotas que em terras estranhas lutam pela existência. Foi porque estou convencido desta grande necessidade para Portugal que não deixei a América sem visitar as colónias portuguesas...

— De Nova Bedford... — atalhámos.

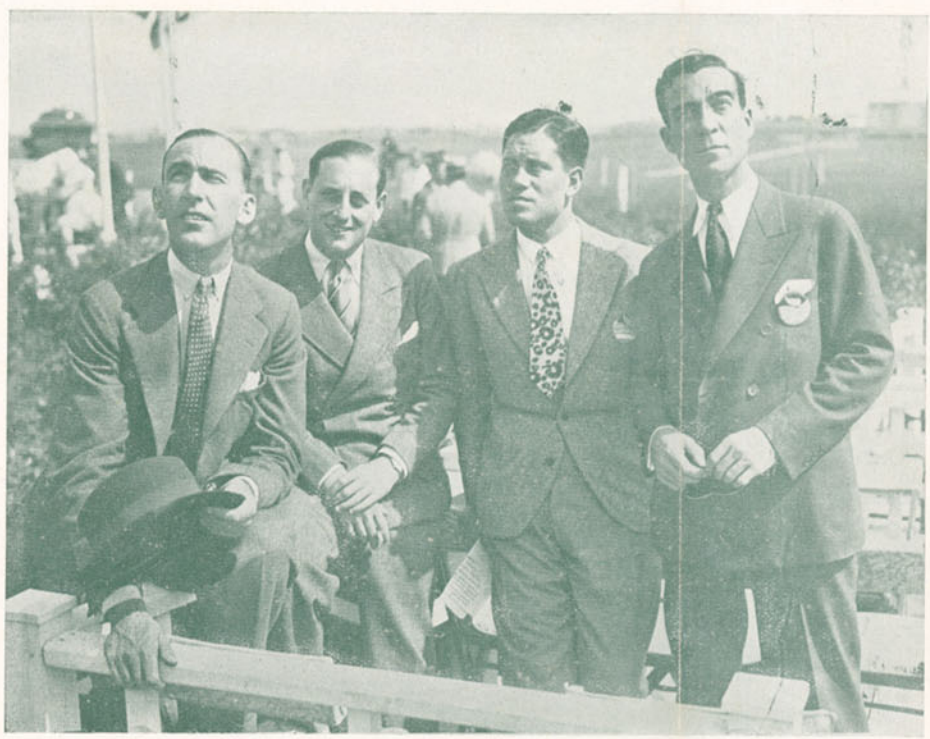
— Exactamente. E tambem a de Irie. Em ambas fui encontrar um sólido sentimento patriótico que resiste com êxito ao enorme poder de absorpção da civilização *yankee*, e que se vai propagando através das gerações com admirável persistência. Esses nossos compatriótas, adaptados embora ao meio em que o acaso os levou a fixarem-se, grande número dêles naturalizados cidadãos americanos, mantém ainda assim o culto da nossa língua e consideram a sua naturalidade ou descendência como um título nobiliárquico. A visita do «Foguete» causou nêles a melhor impressão. O acolhimento que me fizeram foi calorosíssimo. E para que veja o modo por que foi recebida esta visita e como a colónia portuguesa de Nova Bedford soube compreender o seu significado aqui têm o que a êsse respeito escreveu o «Diário de Notícias» de Nova Bedford, no dia da minha chegada a essa cidade.

E dizendo isto, Plácido de Abreu estendia-nos um exemplar do jornal que lá longe, no vasto continente americano, nos fala o nosso belo idioma, e onde se lia:

«Póde afirmar-se que Portugal subiu ontem mais alto, se isso é possivel, no coração de todos os portugueses. Por êsse motivo só, a visita do aviador Abreu, acompanhado pelo respectivo mecânico Antonio J. C. Lobato, seria sempre um acontecimento memorável.»

«Esta visita, e a maneira entusiastica e patriótica como foi recebido o visitante, mostram, claramente, a utilidade delas, para o sentimento e coesão da família portuguesa. Elas nos dão efectivamente, como já acontecera á chegada aqui dos marinheiros de Portugal, a impressão de que sômos autenti-

Plácido de Abreu e o mecânico Antonio Lobato, junto do «Foguete»



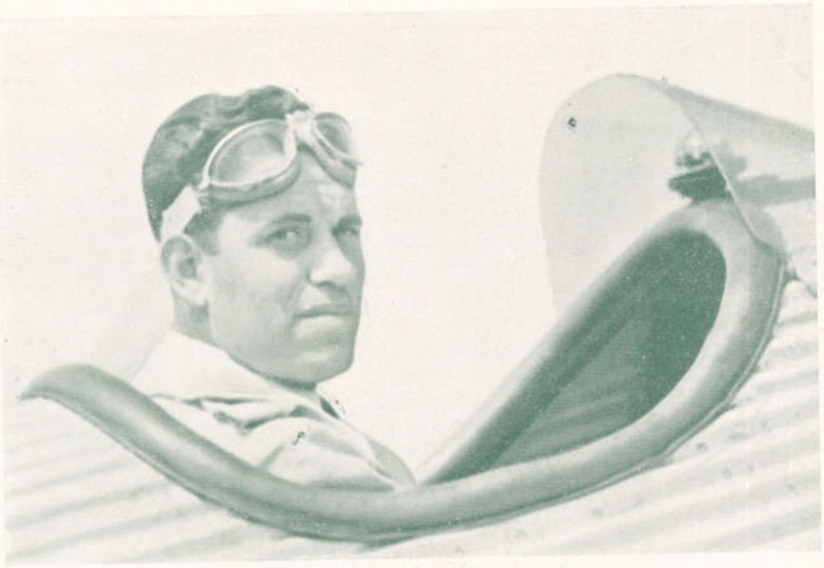
Observando as provas. Da esq. para a dir.: *Atcherley, representante de Inglaterra; Assolant, França; Plácido de Abreu, Portugal; coronel Young, secretário do Comércio Aéreo*

camente portugueses e que lá, na Pátria distante, nos reconhecem como tal. A colónia sente orgulho e desvanecimento com isso. E nada lhe custa tanto como vêr-se esquecida.»

«A visita do aviador militar reavivou a alma portuguesa, encheu-a de novo carinho por Portugal.»

«Eis o significado e o resultado da presença simpatica do representante da aviação portuguesa».

— Como vê, os nossos compatriotas viram na minha visita um pouco do Portugal que muito amam. Por isso mesmo deviam ser mais freqüentes estas embaixadas patrióticas junto dos núcleos de portugueses dispersos pelo globo...



Plácido de Abreu na «carlinga» do seu aparelho

A entrevista aproximava-se do seu termo. Pedimos ao nosso entrevistado que nos contasse, para os leitores da «Ilustração», a maior emoção por êle sofrida na sua vida de perigosas aventuras:

— O caso que lhes vou contar — respondeu êle, accedendo ao nosso pedido — nada tem de extraordinário, mas a emoção sofrida só a pode bem avaliar quem esteja habituado a voar. Foi por ocasião da visita a Lisboa do grande aviador De Bernardi. O famoso piloto italiano distinguiu-me com a sua estima e por diversas vezes me autorizou a utilizar o seu aparelho.

«A primeira vez que me utilizei dessa concessão, uma cousa me preocupava entre tôdas — fazer o vôo invertido, isto é, voltando a cabeça para o solo. Não me fôra possível até então dispôr de um aparelho que permitisse realizar o vôo nêsse sentido visto que nenhum dos que existem entre nós se acham adaptados a êsse fim. Desejoso de me treinar voei durante muito tempo nessa posição. Em determinada altura lembrei-me de fixar o solo e notei que tudo começava a mudar de côr, tomando um tom esverdeado. Convenci-me que se tratava duma indisposição resultante da minha falta de prática. Mas o «mal» agravava-se de momento para momento. Os objectos deformavam-se, a vista ia-me fugindo. Pensei que ia ter uma congestão. Voltei como pude o avião e comecei a estudar a maneira de fazer uma aterragem rápida com o menor perigo. Na aflição em que me sentia levei várias vezes as mãos enluvadas aos óculos. Por fim, quando tudo começava a tornar-se indistinto diante de mim, arranquei os óculos. Como por milagre voltei a ver bem e a sentir-me senhor da situação. Fôra o caso de que um delgado fio de óleo, escapando-se duma válvula, viera espalhar-se pelos óculos. Era êle que dava à paisagem a côr esverdeada que tanto me assustara! Como vê, nada de extraordinário. E contudo, acredite que foi um dos maiores transes da minha carreira.»

Com esta nota pitoresca se pôs ponto final na entrevista.

Agradecemos ao ilustre aviador a sua amabilidade que nos proporcionou ensejo de pôr em destaque o muito valôr do seu feito. Mas uma cousa faltava para o fim que nos propuseramos: A declaração insofismavel da grande classe da representação do nosso país no grande torneio aéreo. Não nos fôra possivel obtê-la de Plácido de Abreu, contra cuja modéstia de nada vale a curiosidade do jornalista. E forçoso nos é recorrer, por isso, ao muito que sôbre o assunto se escreveu nos jornais norte-americanos que nunca deixaram nos títulos das suas reportagens do *meeting* de fazer referência à intrepidez e perícia do «ás» português.

Num dêles, entre os muitos que fácil nos seria citar, lemos esta rápida descrição das provas do nosso compatrióta:

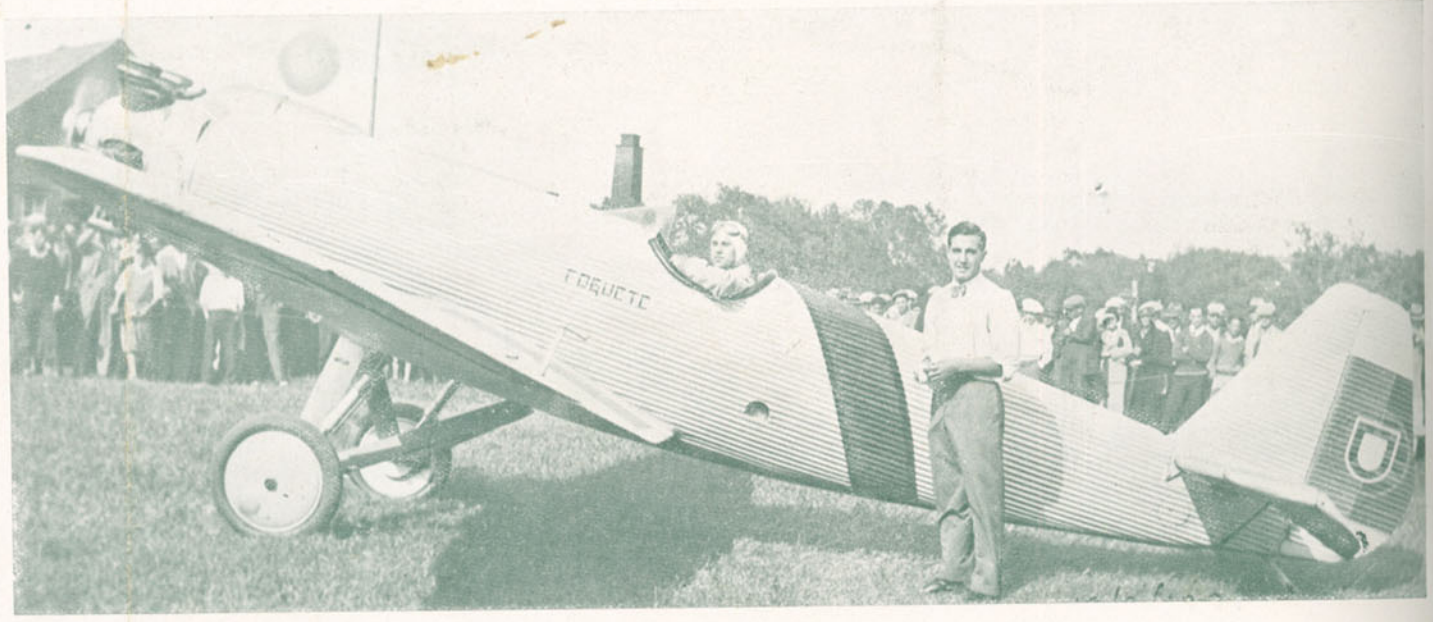
«Tenente Abreu, de Portugal, ia provocando síncopes na assistência ao fazer algumas admiráveis voltas sôbre as bancadas em vôo invertido e com o motôr parado. Tambem fez um par de espirais ascendentes, pousando depois, ao aterrar, as rodas alternadamente no chão.

Este relato, sintético mas eloqüente, vem encimado dum título, expressão norte-americana quási intraduzivel, em que as emocionantes acrobacias realizadas pela nosso compatriota sôbre as tribunas da assistência são postas em destaque como a mais notável afirmação das provas realizadas.

E se tudo isto ainda não bastasse, teriamos a declaração pública duma autoridade categorizada como o presidente da comissão organisadora do *meeting* de Cleveland que, no discurso pronunciado no banquete com que encerraram as festas, não hesitou em afirmar que, sem desprimôr para os restantes, fôra Plácido de Abreu o melhor elemento europeu que se exibira nas provas.

Como português, a certeza do nosso triunfo, que destes factos se depreende, envaidece-nos; como jornalista sentir-nos-emos satisfeito se com estas linhas tivermos conquistado algum admirador mais para a perícia e audácia de Plácido de Abreu.

Manuel L. Rodrigues.



O avião «Foguete», vendo-se, sentado, o tenente Plácido de Abreu, e em pé, o mecânico Antonio Lobato

NOTICIAS DA QUINZENA

Nova cantora

Elsa Levy — a nova artista-cantora que debutou a época passada, no teátro da opereta, tendo alcançado grandes elogios da crítica, deve interpretar brevemente, no teátro Sá da Bandeira, do Porto, a protagonista da *Viuva Alegre*, partitura difícil de executar e que necessita de mocidade, alegria, leveza, e duma garganta privilegiada — qualidades que Elsa Levy reune.

Fran Paxeco

Acaba de se publicar um livro histórico de grande valor intitulado «Portugal não é ibérico». Assina-o Fran Paxeco, professor e escritor de grande merecimento.

Um violinista

Concluiu brilhantemente, o curso superior de violino o sr. António de Figueiredo, discípulo do professor Ivo da Cunha.

Partiu há dias para Roma onde foi ocupar um elevado pôsto no Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano, o sr. Barão Pietro de Valentino, que durante alguns anos exerceu o cargo de ministro de Itália em Portugal.

Barão Pietro de Valentino

As qualidades de inteligência e cultura do nobre diplomata, deixam em todos os portugueses que o conheceram, uma viva saudade. Com a sua permanência entre nós, muito lucrou o prestígio da nação que representava.

Um monumento aos Mortos da Guerra

Em Lamego inaugurou-se um monumento aos mortos da Grande Guerra. Representa a figura dum militar, segurando uma espingarda, armada de baioneta e enrolada nas dobras da bandeira nacional. E' em granito da região e em bronze a Cruz de Guerra e as três Cruzes de Cristo. Tem 8 metros de altura. O escultor foi Julio Vaz Junior — artísta de nome — e o arquitecto o sr. Alvaro Augusto Machado, que se veem nas fotografias acima. A construção foi dirigida pelo sr. José Teixeira de Sousa. No acto inaugural falou o sr. tenente José da Silva Freitas, que foi combatente em França. Referiu-se à acção heroica do batalhão de infantaria 9. A seguir, discursaram o abade da Sé Velha de Coimbra, sr. dr. Luís Lopes de Melo, capelão do batalhão de infantaria 9, nos campos da França e o sr. presidente da Camara de Lamego. Feita a leitura de todos dos nomes dos combatentes mortos em batalha, sublinhada pelos combatentes sobreviventes com a frase «Morto no campo da honra», foi lido pelo sargento Belarmino o auto de entrega do monumento à Camara Municipal. Foi, então, descerrado o monumento. Ao som do hino nacional e do estralejar de foguetes, o capitão, sr. Germano Saraiva, o maior promotor da construção do monumento, fez cair a bandeira que o cobria.

Uma exposição

O jovem artista Severo Pires Marinho, expôs na Casa da Imprensa algumas das suas aguarelas e desenhos, que mereceram da crítica, referências elogiosas. É um novo que aparece e que pela primeira vez se apresentou ao público.

João Igrejas

Num desastre de automóvel, em Badajoz, morreu o nosso camarada João Igrejas, que pertencia à redacção do *Diário de Notícias*. A sua morte, pelas condições trágicas em que se deu, impressionou não só os que com êle trabalhavam, como todos aqueles com quem privou. Era um excelente moço, cheio de qualidades de trabalho, óptimo caracter e bom amigo.

Paulino de Oliveira

Os filhos de Paulino de Oliveira, poeta que teve a sua aurea, juntaram os seus melhores versos numa obra a que deram o título de «Poemas». É uma colectânea de poesias, a que presidiu a «directriz que o Poeta deixára, procurando apenas levar a final a sua obra — escolhendo o que êle teria escolhido e ordenando os «Poemas» como êle definitivamente os teria ordenado». São estas as palavras num dos seus filhos — o advogado João de Castro Osório de Oliveira, no prefácio do volume.

Sports

OS FACTOS DA QUINZENA

O grande acontecimento parisiense, e talvez mundial, durante êste periodo foi sem dúvida a abertura do Salão do Automóvel, no Grand Palais.

Nesta exposição anual são apresentados todos os aperfeiçoamentos da indústria mecânica do transporte e se desenha a orientação futura dêsse importantissimo ramo da actividade comercial.

O salão dêste ano, o 26.º em ordem cronológica, não apresenta novidades revolucionárias, nem mesmo inovações importantes; os princípios gerais continuam identicos, verificando-se apenas um aperfeiçoamento de detalhe.

A impressão dominante, que se colhe na critica geral, é de que o construtor pretende impôr confiança e proporcionar confôrto ao cliente que o procura.

O automobilismo deixou de ser um desporto, transformando-se n'uma facilidade da existência, uma maneira prática de locomoção.

A maior resistência do motor, a segurança dos *chassis*, a elasticidade da suspensão, o poder dos travões, a comodidade das *carrosseries* espaçosas mas estilisadas, constituem um conjunto de qualidades que asseguram ao comprador um carro mais rápido, mais comodo, mais económico, contribuindo para a popularidade e divulgações de um meio de transporte que hoje deve ser essencialmente prático.

*

A quinze dias de intervalo, duas das colectividades onde funcionam cursos de ginastica infantil da organisação de *Os Sports*, apresentaram-nos trabalhando em festas comemorativas. Tanto de uma como de outra vez, a exibição foi notável, os pequeninos ginastas afirmando um aproveitamento que honra os dedicados professores e garante o êxito da iniciativa.

A demonstração de gimnástica do curso de «Os Sports» em Campo de Ourique, na passada quinzena

Iniciada ha uns escassos seis meses, a obra dos cursos de ginastica destinados ás crianças pobres dos bairros populares da cidade, encontrou no meio a que era destinada um acolhimento caloroso, prova flagrante da sua oportunidade. No entanto, entre os pseudo técnicos e os politiqueiros reles, houve quem a discutisse, quem pretendesse atravessar-lhe no caminho os obstáculos destruidores da calunia e da suspeição.

Tudo foi em vão; o empreendimento prosseguiu, graças à colaboração de algumas entidades e organismos que melhor compreenderam a necessidade e oportunismo de prestar á criança portuguesa o auxilio da cultura fisica racional.

Sôbre os resultados obtidos depõem os factos; entre a correcta lição executada pelos alunos do curso de Campo de Ourique em 16 de Outubro, e a primeira reunião dos pequeninos da Alfama em 13 de Junho, a diferença é tão flagrante que constitue um incontestável sucesso de *Os Sports* e dos seus colaboradores nessa patriotica obra.

Os cursos inaugurados durante o passado ano lectivo reuniam já mais de mil crianças, e é de prevêr que êste número aumente consideravelmente com a contribuição de novos cursos em diferentes locais da capital.

É lamentável e incompreensivel que uma iniciativa de tão grande alcance passe despercebida oficialmente e seja até contrariada por um passivismo desconfiado. Para bem do país, deviamos pôr de parte preconceitos e dogmas, e aceitar sempre como bôas e dignas de auxílio todas as obras feitas por portugueses em prol de Portugal.

*

Os campeonatos internacionais de Cascais provaram uma vez mais a grande pobreza do ténis português. Apesar dos louváveis esforços da respectiva Federação e de algumas colectividades praticantes, incitados pelo contacto do entusiasmo persistente do dr. Alberto Amado, os nossos melhores representantes continuam provando que servem unicamente para uso interno. Perante jogadores estrangeiros, desde que estes possuam um pouco de classe, baqueam sem remissão.

O torneio de Cascais foi um sucesso completo dos tenistas visitantes; venceram todas as provas, e os encontros finais foram disputados entre êles, por eliminação prévia dos concorrentes portugueses. Na prova singular a superioridade estrangeira manifestou-se com tal relêvo, que as meias finais foram disputadas por três franceses e um inglês, que na ronda ante ior haviam eliminado um espanhol e os ultimos três portugueses, entre os quais figurava o campeão nacional António Casanovas.

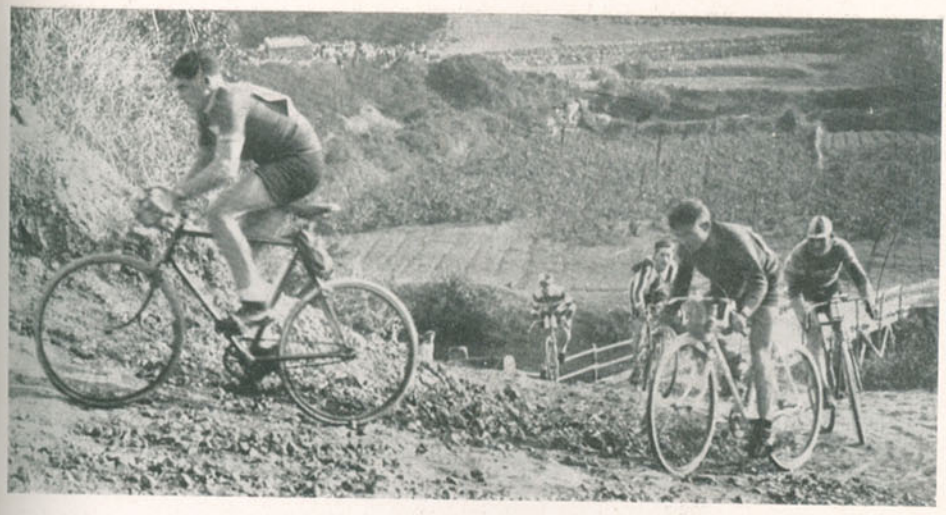
O triunfador do concurso foi o francês Marcel Bernard, dezoito anos escassos, considerado uma esperança mundial e o quarto jogador do seu país; os restantes, embora fôssem nomes conhecidos no meio internacional, não podem ser considerados grandes valores, sendo curioso registar os sucessos que anualmente alcança entre nós o inglês Turnbull, há alguns anos já inteiramente afastado dos primeiros planos nas competições europeas.

*

Os campeonatos nacionais de ciclismo, disputados no Estoril, valeram ao desporto da bicicleta mais uma tarde de excelente propaganda, demonstrando simultâneamente a grande popularidade que gosa em Portugal.

Ao local da disputa acorreram alguns milhares de pessoas que se mantiveram, sem a mínima comodidade, ao sol, de pé e empurrando-se, perto de quatro horas; mas, ao longo dos cem quilómetros percorridos pelos estradistas, em todas as povoações atravessadas, a população aglomerava-se repetindo o cenário

O curso inaugural da gimnástica infantil, em plena Alfama, em Junho passado



Campeonato Nacional de Fundo: Nicolau, Trindade, Ribeiro Rego e os concorrentes algarvios escalam um caminho pedregoso

tanta vez observado ao passar de tôda a Volta a Portugal.

Nicolau e Trindade voltaram a defrontar-se, Nicolau voltou a bater Trindade por um escasso comprimento na embalagem final; durante a corrida, o corredor do Benfica realizou todo o *forcing*, repetiu as tentativas de fuga, mudou de máquina e de multiplicação, mas o rival colou-se a todos os andamentos e chegou, junto com êle, à vista da meta.

Êste resultado, reproduzindo fielmente, os resultados anteriores da imensa maioria dos encontros entre os dois homens, deve ser considerado como a tradução exacta do valor mutúo: equilibrio assentuado de forças, decidindo-se no final a favor de Nicolau, mais rápido e possante na embalagem.

O tempo gasto no percurso foi uma desilusão, e levando mesmo em conta um aumento na distância oficialmente indicada, deixa-nos perplexos quanto às possibilidades dos nossos melhores ciclistas em competições estrangeiras.

Entre os restantes concorrentes, que chegaram à debandada, merecem destaque Ribeiro Rego, terceiro classificado, o ex-campeão Fernandes da Silva, e um desconhecido de Loulé, Francisco Brito, que, não tendo sido seleccionado correu extra e atingiu a méta em quarto lugar.

Êste último, até confirmação da proesa, sob reserva de que a sua prova não foi oficialmente fiscalizada.

Os campeonatos de velocidade, secundados de um Grande Prémio de Outono que era a sua exacta imagem, sofreram na sua forma, do caprichoso percurso escolhido, que era absolutamente impróprio para provas dêste género.

Os corredores seguiam a estrada do Monte ao Estoril, quasi sempre descendo e em repetidas curvas; apenas eram planos e rectos os cento e oitenta metros finais.

O Sporting, com os seus três representantes, triunfou em absoluto, disputando em ambas provas, as finais, dois homens seus; no campeonato Rodrigo Garrido bateu Assunção Silva e conquistou o título pela terceira vez consecutiva, no Prémio de Outono o campeão absteve-se, e Assunção Silva triunfou de João de Sousa.

Os representantes do Norte, precedidos de certa fama, desiludiram em absoluto, bem como o campeão de Santarem, que realisára na prova distrital um tempo que batia o record do mundo do quilómetro; claro que, no Estoril, foi último da sua eliminatória. Sucede sempre assim.

Dos representantes da província foi Manuel Neves, de Setubal, o que mais se distinguiu.

*

No seu antigo campo das Salécias, o Club de Football «Os Belenenses» inaugurou o monumento ao saudoso jogador José Manuel Soares.

A cerimónia revestiu um extraordinário fulgor, reuninda numa imponente parada atlética os representantes de grande número de colectividades de todo o país; em frente da lapide evocativa curvaram-se, numa significativa homenagem de saudade, perto de oitenta estandartes que traduziam o sentir de muitos milhares de homens.

Um ano decorrido sôbre o seu infausto desaparecimento, o malogrado Pepe, que tanta vez incarnara em competições internacionais a alma entusiasta e combativa da gente portuguesa, recebe da falange desportiva o preito a que tem jús, como um símbolo de vontade e de fé, um exemplo das virtudes físicas tradicionais na raça que precisamos perpetuar para glória e para prestígio do bom nome português.

*

A serie de artigos em que o «Diario de Lisboa» vem clamando o seu generoso proposito de agitar a causa sagrada das crianças portuguesas, faz-nos jubilosamente prever que o assunto venha a ser debatido em toda a sua amplitude, caminhando para uma solução total que só é possivel pela conjunção de muitos esforços.

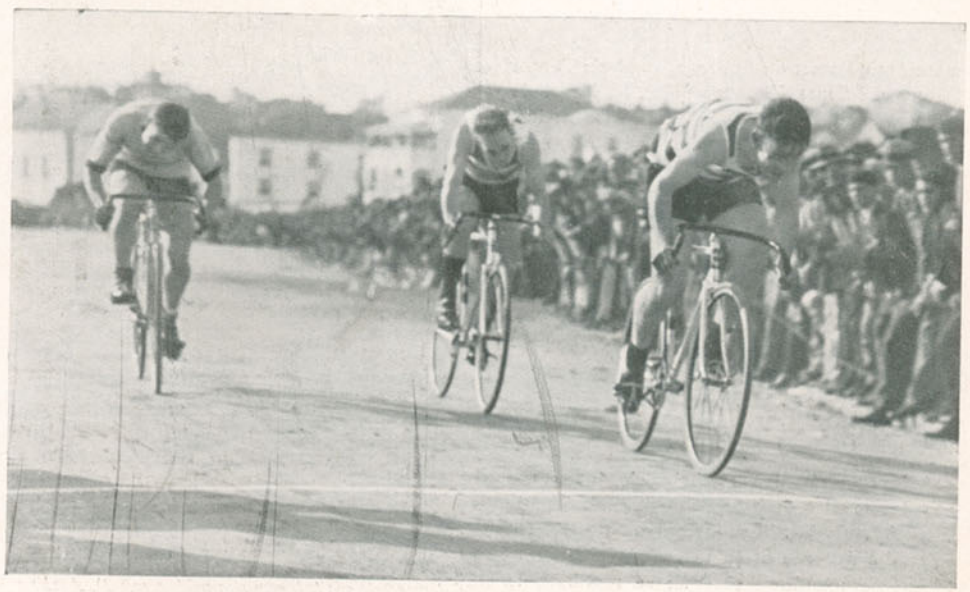
Partindo do principio que a educação espiritual da criança portuguesa é um problema resolvido, as atenções dos propulsores desta generosa campanha patriotica — do mais puro, do mais alto, do mais profícuo patriotismo — devem sobretudo incidir sobre a cultura física e higienica das novas gerações.

O empreendimento, sempre dificil porque transtorna a rotina, mais complicado se apresenta no momento presente porque existem espiritos obsecados que, á sombra não sabemos de que louco fanatismo, pretendem vedar á criança portuguesa o direito de correr, de cantar, de gritar, transformando-a em passivo instramento das suas funções fisiologicas.

Parece, por conseguinte, indispensavel firmar logo de inicio o criterio a que deve obedecer a cultura física infantil, reunindo em discussão aberta todos aqueles que no nosso país merecem a designação de competentes, e que infelizmente bem poucos são. Não queremos impôr opiniões, nem aceitamos dogmas alheios; ha que analisar serenamente os factos, comentando-os cientificamente a achando a solução mais compativel com uma verdade sem fantasias.

O robustecimento da criança portuguesa, o acautelamento do futuro da raça, dependem dos cuidados de que cercarmos as gerações que agora despontam, e isso é função quasi exclusiva de uma propaganda higiénica intensa da profilaxia implacavel das doenças sociais, do fomento das energias latentes pela educação física racional. Esta foi a verdade que a Italia soube ver, e a cuja luz precisamos de abrir os olhos do indiferentismo português.

Salazar Carreira.



Campeonato Nacional de Velocidade: Rodrigo Garrido ganha a meia-final sôbre João de Sousa e Manuel Neves

VIDA ELEGANTE

Na Costa do Sol

Continúa marcando pela elegancia e animação as festas que diariamente se realisam na Costa do Sol, tanto as manhãs do Tamariz, como os jantares de gala do Estoril-Palacio-Hotel, os «chá dançantes» e «jantares à americana» do Casino Estoril, seguidos de baile, onde se reune tudo que de melhor conta a nossa aristocracia, entre a qual nos recordam os seguintes nomes:

Ministra de Alemanha, esposa do Conselheiro da Legação de França, Condessa de Murça, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Ilda Garcia Rosado de Bastos, D. Alda Guedes Pinto Machado e filhas, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filha, D. Justina Fialho de Sousa Coutinho e filhas, D. Mariana Corrêa de Sampaio de Seabra e filhas, D. Ana de Serpa Pimentel Ozorio, D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, D. Isabel Fialho de Mendonça, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Amelia Resende da Silva de Melo, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Eugenia Ribeiro da Silva, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Herminda Pereira Cardoso, D. Alice Guedes de Heredia, D. Maria Angelina Ferraz de Oliveira Monteiro, D. Eugenia Teles da Silva Gonçalves, D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, D. Tereza da Câmara de Carvalho Daun e Lorena, D. Isaura Roquete, D. Felismina Cardim, D. Tomazia Ereira, D. Maria Cohen Espirito Santo Silva, D. Ludovina Soares de Albergaria Dinís, D. Bernardette Vaz Sarafana, D. Alix Maury de Melo, senhora de Melo Rego, D. Delfina Galeão Roma, D. Sofia Covacich de Sousa Lima, D. Sarah Belmar da Costa e filhas, D. Adelina Dinís de Almeida, D. Margerith May de Carvalho, D. Guita de Calheiros e Meneses, D. Luísa de Sá Pais do Amaral Macieira, D. Joana Ressano Garcia e filha, D. Sarah Velez e filha, D. Alice Bastos e filha, D. Maria Luísa Bramão Reis do Carmo e Cunha, D. Maria Mousinho de Albuquerque e filha, D. Maria Rira de Carvalho Daun e Lorena de Calheiros e Meneses, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Maria Eugenia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Danim Lobo Santos Moreira, D. Maria da Assunção Pinheiro Chagas Taquenho, D. Paloma Benoliel Zagury, D. Sime Zagury Casales, D. Carmen Corrêa Leite Belmar da Costa, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Margarida Queriol Macieira, D. Maria Alice Guedes de Heredia de Bandeira, D. Beatriz Consiglieri Pedroso de Pina, D. Luísa da Câmara Assis Posser de Andrade, D. Maria Tereza Borges de Sousa Ximenes Teles, D. Isabel da Câmara Assis Burnay, D. Irene de Vasconcelos, D. Ema Torre do Vale, D. Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria José Canas da Costa e Silva, D. Luísa Maria Ferreira Cardoso Demostier, D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio (Castelo Novo), D. Maria Isabel Gomes, D. Maria Tereza Pinheiro Chagas, D. Maria Flora, D. Maria da Assunção, D. Maria Amelia Bastos Amaral, D. Maria Adelaide Canavarro Fernandes Costa, D. Maria da Câmara Assis, D. Sarah Maria da Mota Ferreira Cardoso, D. Maria Luísa de Pina, etc., etc.

Na Exposição Industrial

A inauguração das «matinées elegantes», aos sabados no salão, de festas do Pavilhão da Grande Exposição Industrial Portuguesa, no Parque Eduardo VII, constituiu um verdadeiro acontecimento mundano, pois ali se reuniram as principais familias da nossa melhor sociedade.

Houve sessão de cinema e concerto de música portuguesa, por um eximio sexteto sob a direcção do maestro Camilo Rebocho, e conferência por uma distinta actriz, «double» de inspirada poetisa.

Todos os sabados, enquanto durar a Grande Exposição Industrial Portuguesa, haverá no salão interessantes «matinées elegantes».

Em todas, serão no final sorteados pela assistência artisticas prendas, oferta dos expositores.

Casamentos

Em Carcavelos, realizou-se na igreja matriz, com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.ª D. Adelaide Maria de Melo Breyner da Câmara (Belmonte), gentil filha da sr.ª D. Eugénia Braamcamp de Melo Breyner da Câmara e do sr. D. Vasco da Câmara (Belmonte), com o sr. Luiz Afonso Vilar, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Vilar e do sr. dr. Luiz Vilar.

Foram madrinhas as irmãs da noiva sr.ª D. Francisca da Câmara Pinto Bastos e D. Maria Cabral da Câmara (Belmonte), e padrinhos o pai e o irmão do noivo capitão sr. Frederico Vilar, Comandante dos Bombeiros.

Celebrou o acto religioso o reverendo de Carcavelos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da elegante residência da Quinta da Alagôa, um finissimo «lanche» da Confeitaria Aurea, partindo os noivos depois para o Luso, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para Mirandela, onde vão fixar residência.

— Realizou-se na paroquial de Santa Isabel, o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Pacheco Pereira Coutinho (Soydos), interessante filha da sr.ª D. Maria Margarida de Carvalho Lacerda Castelo Branco Pereira Coutinho e do sr. D. João Pacheco de Pereira Coutinho (Soydos), e neta dos falecidos srs. Marquezes de Soydos, com o sr. Bernardo de Seixas Bessone Mauritty, filho da sr.ª D. Elisa de Seixas Bessone Mauritty e do sr. Leopoldo de Sousa e Meneses Bessone Mauritty, já falecido, e neto da sr.ª Condessa D. Maria Efigénia de Sousa e Meneses e do sr. Conde Angelo Filipe Bessone.

Serviram de padrinhos por parte da noiva seus primos a sr.ª D. Maria da Graça de Noronha Figueiredo Valente, e o sr. dr. Carlos de Figueiredo Valente e por parte do noivo a sr.ª D. Beatriz Lourenço Pereira Coutinho e o sr. D. João Pereira Coutinho (Soydos).

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo dr. Albano-Augusto Teixeira, da Diodece de Miliapor, amigo íntimo da família da noiva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Com muita intimidade, devido a um luto recente da família do noivo, realisou-se na paroquial do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Maria Tereza Hipólito Pereira de Araujo, gentil filha da sr.ª D. Maria Tereza Pereira de Araujo e do coronel do Corpo do Estado Maior sr. Alberto Hipólito Pereira de Araujo, com o sr. Joaquim Silvestre Leitão, filho da sr.ª D. Amélia de Abreu de Lima Tavares Cardoso Leitão e do ilustre escritor sr. Joaquim Leitão, recebendo os noivos a benção de Sua Santidade.

Terminada a cerimónia religiosa, os noivos seguiram a bordo do paquete «General Saint Martin», para Berlim, onde o noivo vai concluir o curso de engenheiro na Escola Superior Técnica.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— No Alentejo, na Vila do Crato, realisou-se na capela do palacete da sr.ª D. Lavinia de Sá Nogueira Ferreira e do sr. dr. Abílio Matias Ferreira, o casamento de sua interessante filha D. Maria Amélia, com o sr. dr. Jorge da Fonseca Bastos, filho da sr.ª D. Ernestina Vieira Bastos, e do sr. António de Bastos.

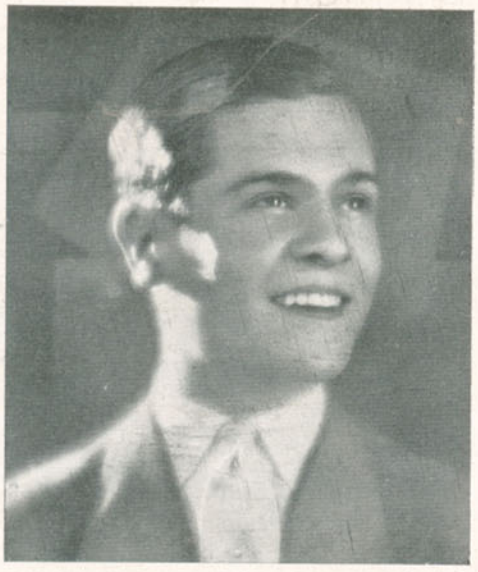
Foram madrinha a sr.ª D. Maria Eugénia Biscaia Relvas e padrinhos os srs. dr. António Biscaia Macedo, José de Almeida Bastos, e José Vieira da Fonseca.

Celebrou o acto religioso, o reverendo António Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminado o acto religioso, foi servido no salão de mêsa da elegante residência, um finissimo lanche da «Versailles».

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

Um concerto



José Rosenstock — nome conhecido no meio musical — que actualmente reside em Paris, tendo dado concertos em Londres, Bruxelas, Cannes e Biarritz, apresenta-se ao público de Lisboa, depois de alguns anos de ausência, na tarde de 13 dêste mês, no Teatro da Trindade. O ilustre pianista exibir-se-á, num interessante recital, com sua mãi, a sr.ª D. Adelina Rosenstock — também pianista distinta — tocando em dois pianos, a célebre Sonata de Mozart

Baptisados

Na capela da Quinta das Janelas, em Obidos, realisou-se o baptisado da menina Maria Luísa, gentil filhinha da sr.ª D. Maria Alice Carneiro Neto Rebêlo da Gama e do sr. Faustino Luz da Gama.

Serviram de madrinha sua avó materna sr.ª D. Alice Carneiro Neto Rebelo e de padrinho seu avô paterno sr. Luís da Gama.

Finda a cerimónia religiosa que revestiu um carácter de muita intimidade, foi servido no salão de mêsa da elegante residência, um finissimo almôço.

D. Nuno.

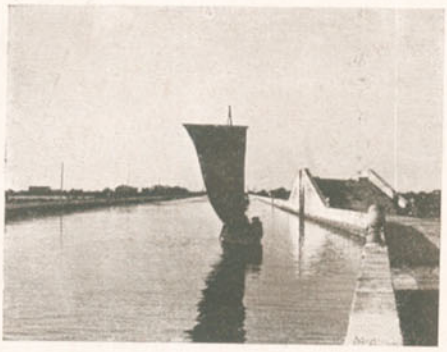
Concurso Fotográfico
entre amadores
organisado pela
ILUSTRAÇÃO

529 — Manteigas — Serra da Estrêla — *(Foto do sr. Carlos Nunes — Lisboa)*

530 — Paisagem triste — *(Foto do sr. Antonio Guedes — Porto)*

531 — Estrada para Tomar — *(Foto do sr. Miguel Ferreira Martins — Lisboa)*

532 — Casa da Magada — Taipas — *(Foto do sr. Gyn Crato — Lisboa*



533 — E solta a barca... — *(Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)*

534 — Rosas desfolhadas — *(Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa*

535 — Com muita sêde... — *(Foto do sr. Mario Silva — Vila Real)*

536 — Chá elegante... e areia — *(Foto do sr. José de S. Brandão — Lisboa)*

537 — Regresso da fonte — *(Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)*

538 — Sintra vista do Castelo — *(Foto do sr. Eugenio da Cunha e Silva — Lisboa*

539 — Rio Dande — Loanda — *(Foto do sr. A. Vale — Loanda — Angola)*

540 — Volta da estrada — *(Foto do sr. H. Botelho — Lisboa)*

541 — Pastagem do rebanho — *(Foto do sr. João Dias — Tavira)*

542 — Rêde sem peixe — *(Foto do sr. Alvaro Laborinho — Nazaré)*

543 — Surpreendidos . . . — *(Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)*

544 — Kodak em acção . . . — *(Foto do sr. Cândido Ferreira dos Reis — Estoril)*

545 — Fiando — *(Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)*

546 — Em Genova — *(Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)*

547 — O papá é tonto... — *(Foto do sr. Augusto Severino — Figueiro dos Vinhos)*

548 — Sport suiço — *(Foto da sr.ª D. Judite de Carvalho Bastos — Lisboa)*

549 — Pastando — *(Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)*

550 — No Rio Tejo — *(Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)*

551 — Lavadeiras... — *(Foto do sr. Raúl Lemos — Abrantes)*

552 — Pôr do sol — *(Foto do sr. Danubio Nunes — Loanda)*

553 — Sé de Lamego — *(Foto do sr. Manuel Bragança — Felgueiras)*

554 — O D. O. X. na Horta — ao fundo a ilha do Pico — *(Foto do sr. A. de Lemos — Horta)*

555 — De regresso da barca — *(Foto do sr. José Paulo Fernandes Junior — Abrantes)*

556 — O peixe tarda! . . . — *(Foto do sr. E. Portugal — Lisboa)*

557 — Pôr do sol — *(Foto da sr. D. Maria Fernanda Ramalho — Figueira da Foz)*

558 — Cavalgada ao Sameiro — *(Foto do sr. Joaquim Teixeira — Lisboa)*

559 — Neve na Guarda — *(Foto do sr. Adelino Carvalho — Guarda)*

560 — A volta da missa — *(Foto do sr. Antonio Guedes — Porto)*

561 — Goes — *(Foto do sr. Miguel Ferreira Martins — Lisboa)*

562 — Manada de bois — *(Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)*

563 — Jantar em familia — *(Foto do sr. Idevor Pereira de Mendonça — Borba)*

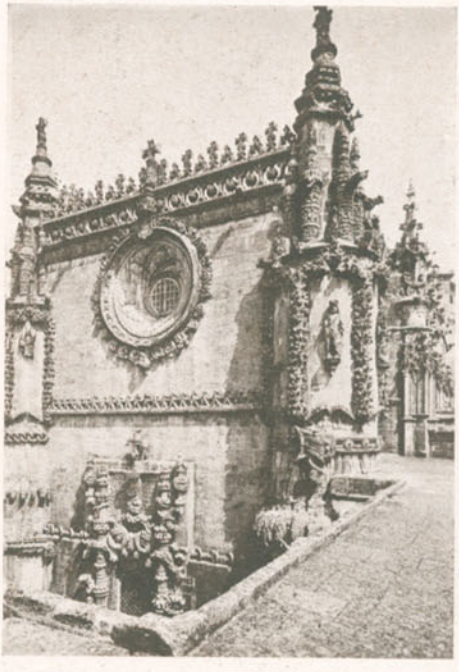
564 — «Ai, bate, bate . . .» — *(Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)*

565 — Penedo do guincho *(Foto do sr. Diogo de Oliveira Rodrigues — Lisboa)*

566 — A grande parada da paz — *(Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)*

567 — Primavera no monte — *(Foto do sr. J. M. — Lisbôa)*

568 — Manhã de inverno — *(Foto do sr. J. M. — Lisbôa)*



569 — Convento de Cristo — *(Foto do sr. coronel Azevedo e Silva — Lisbôa)*

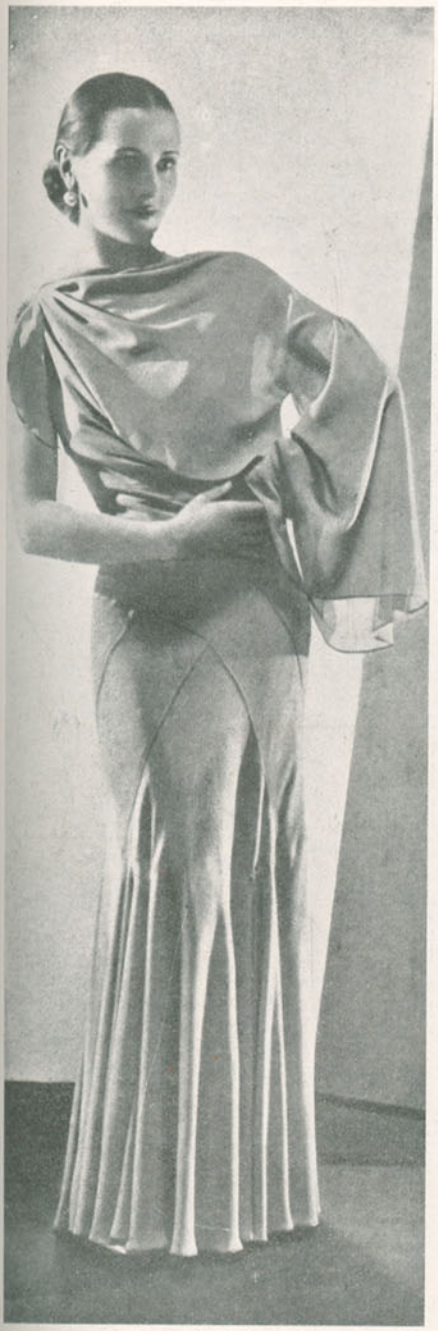
570 — Cristo de Marfim — *(Foto do sr. Cesar Costa — Chaves)*

571 — Convento de Cristo — *(Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)*

572 — Na praia — *(Foto do sr. Antonio Silva Salavisa — Castelo Branco)*

573 — O entardecer na mata — *(Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisbôa*

574 — Posando... — *(Foto do sr. Eduardo Ferreira Duque — Vila Nova de Gaia)*



VIDA FEMININA

O que é pena é o desprezo que têm os filhos de comerciantes e industriais, pela vida de seus pais e a mania de serem bachareis ou médicos, medíocres, em vez de continuarem a ser comerciantes de honrada e conhecida firma, ou industriais, que com novas energias e inteligencia desenvolvam a industria nacional O mesmo se dá com a agricultura e com tudo o que é tradição, o que é para lamentar, mas como as lamentações de nada servem nêste mundo, o que há a fazer é combater energicamente, essa tendência da humanidade e estudar de onde provem êsse mal Certamente vem da mania, que todos têm de se queixar amargamente da profissão, que exercem. É raro o homem que ao chegar a casa, não praguejè contra a profissão, que tem e por mais rendosa que ela seja, não lhe encontre mil defeitos e não ache sempre, que trabalha mais do que pode e que as outras profissões é que são lucrativas e não têm nada que fazer.

As crianças ouvem e instintivamente começam a ter aborrecimento à profissão paterna, que até ali achavam a ideal, porque qual é o pequeno, que não tem o ideal de ser como o pai? Se em vez de barafustarem contra a sua profissão e contra o trabalho, diante das crianças, as habituassem a respeitar o modo de vida do pai, que lhe dá a maneira de sustentar a casa e a família, não haveria tantas vocações, que em geral são um desastre, e estaria com certeza a sociedade muito mais equilibrada Mas o mal é que ninguém está contente com o que tem, gosta do trabalho que faz, ou do sítio onde vive. E' uma doença da época, que como tôdas as doenças tem de ser tratada e curada porque é a mais perigosa das enfermidades e provoca um mal estar geral. Todos devem compreender que numa época de luta como é esta que atravessamos tôdas as profissões exigem muito trabalho e muito esfôrço, mas tôdas, umas num sentido, outras noutro, e, os queixumes nada mudam. O melhor é trabalhar de cabeça levantada e cara alegre, e encaminhar os filhos, a que sejam os continuadores da sua obra, onde encontram já um nome feito, e um caminho aberto, entrando na vida com muito mais facilidade, e contribuir assim para que a sociedade tenha muito mais ordem e equilíbrio e fazendo a felicidade dos seus filhos fazerem também a de todos. Os que tiverem verdadeiras vocações cedo ou tarde se manifestarão e, as excepções só confirmam a regra. Encarando a vida com alegria e confiança, farão com que os seus filhos tenham fé e que trabalhem com energia nas carreiras que seus pais seguiram e assim caminharemos com certeza para mais ordem e para o ressurgimento nacional.

Maria de Eça.

Lí *há dias nas* **Lectures pour tous**, *um artigo que me agradou profundamente e que é de uma actualidade flagrante. Trata-se de um assunto, que se em França é sério, entre nós é um verdadeiro problema. A mania que há agora dos filhos não quererem seguir as carreiras dos pais, onde têm já um nome feito e as maiores facilidades, Antigamente havia familias de gerações militares, magistrados, advogados, comerciantes, industriais. Agora já assim não é Os meninos aos dez anos sentem vocações irresistiveis para carreiras em que nada podem fazer, e, de aí provem tambem essa desordem, que se nota na sociedade de hoje. Filhos de familias, onde sempre houve advogados querem ser aviadores, nas familias militares os meninos querem ser diplomatas, e nas novas vidas, que vão crear, com dificuldade triunfam. Mas apesar de para eles ser nociva, essa mania de desdenhar as tradições familiares, o que os prnjudica fatalmente a não ser que tenham verdadeiras vocações o que é raro, isso não é ainda o que mais prejudica a sociedade.*

Modas

Com a proximidade do inverno começam as recepções e é absolutamente necessário pensar nos abafos para a noite. Continuam a usar-se os pequenos casacos em veludo ou pele, mas nas noites verdadeiramente frias, êsses pequenos casacos não são o bastante, para nos abrigar, e, evitar a traiçoeira pneumonia, que nos espreita. Damos hoje um magnífico modêlo de casaco em veludo preto e raposa. As mangas, todas em pele, são de uma originalidade que o torna graciosíssimo. Todo forrado em tecido «lamé» é um abafo de luxo e de grande elegância. Para de dia apresentamos um casaco muito simples em «breitschwantz», que continúa a pagar o favor da moda, por ser um tecido bonito e muito prático. É um casaco que se póde usar para «sport» ou para passeio, sendo também próprio para fazer visitas ou ir a um chá é um casaco útil que se presta a vários usos. Para vestido de noite têm as nossas leitoras um lindíssimo modêlo de Arlette em «crêpe roumain» a última moda para vestidos de baile.

De uma encantadora simplicidade, os cortes da saia são a sua grande novidade, assim como graciosa capinha que o completa. Para a tarde um lindo vestido em veludo preto e peles, usado por Lady Ashley. Simples de linha a sua elegância consiste na beleza do tecido e na

qualidade das peles. O chapéu que o acompanha é em feltro «flamond» guarnecido a veludo e com uma fantasia. É uma «toilette» de requintado bom gôsto.

Continuam a usar-se as carteiras «assorties» ao vestido e para os dias frios reaparecerão os regalos, que já o ano passado, começaram a mostrar-se tìmidamente. São graciosos e quando faz frio muito confortáveis. Quási todos servem de «sac-à-main» o que é da maior utilidade evitando uso da carteira.

Higiene e beleza

Muitas senhoras se queixam de não ter êsse desenvolvimento de pestanas, que as artistas do cinêma puzeram em moda.

As pestanas são quási sempre muito mais abundantes nas pálpebras superiores, mas como tudo, podem ser tratadas e conseguir-se umas lindas pestanas frisadas e recurvas como manda a moda actual Para provocar o seu crescimento e mantê-las em bom estado, e, dar ao olhar um maior encanto e sedução, recomenda-se a seguinte pomada: Vaselina, 5 gramas; precipitado amarelo, 0,05. Todas as noites ao deitar põe-se nas pálpebras um pouco desta pomada em quantidade, que não incomode os olhos, e ao fim de algum tempo, as sobrancêlhas desenvolvem-se e tomam êsse lindo aspecto, que faz dos olhos de algumas das mais lindas artistas do *écran* verdadeiras estrêlas de brilho e, adoçando o olhar velam-no ligeiramente.

A Mãi de Goethe

Agora que se celebra o centenário de Goethe, não podemos deixar de falar na mulher, que foi na vida, o seu maior afeto: Sua mãi, Elisabeth Suxtor, casada aos dezasete anos com um homem mais velho do que ela vinte anos, homem sevéro, que tinha o aspecto de censurar que se gozasse a vida. Um ano depois de casada a senhora Conselheira, como se diz na Alemanha, era mãi. Dotada de um esplêndido carácter, sério, mas muito alegre, nunca se lamentou, de se vêr amarrada e fechada numa vida demasiado séria, ela sabia tirar partido da vida e aceitar com alegria os seus deveres, afastando todos os pensamentos tristes e poetisando, até os mais enfadonhos trabalhos domésticos. Depressa o filho foi para ela um companheiro, mais próximo dela na idade do que o marido. Amou-o não sòmente como filho, mas como irmã mais velha, ela que pouco tinha passado, da idade em que se brinca com as bonecas Sôbre a educação da criança adorada, ela estava em completo desacôrdo com o senhor Conselheiro, que era partidário da educação sevéra, dos castigos, enquanto ela preferia a persuação e a doçura afetuosa. Naturalmente Wolfrang Goethe preferia êste metodo e desde a mais tenra idade, teve uma preferência marcada por sua mãi

Em seguida a uma pequena cêna de família, em que se tinham divertido a evocar a lembrança lendária, dos quatro filhos Aymon, por brincadeira deram à senhora Goethe o nome da mãi dos Aymon, Aja, na intimidade conservou êsse nome que Wolfrang gostava de lhe dar. Mamã Aja exerceu toda a sua vida uma enorme influência no seu filho e a prova dá-a a sua correspondência particular. «Tinha uma agradável filosofia e um resoluto otimismo.» Escrevia-lhe um dia: «Eu passo através do mundo sem pretensões, procuro sempre o lado bom, de todas as coisas, e deixo o mau. Aquele que criou o homem, e, sabe melhor adoçar os ângulos. Não moraliso ninguém. Graças a êste sistema estou sempre bem, feliz e satisfeita». O que não impedia que tivesse uma grande sensibilidade. Em 1815 quando seu filho esteve à morte, em Weimar, ela tratando-o sem nunca falar na sua inquietação, sem um queixume, com uma tranquilidade enorme sem se traír, sem permitir que à sua volta se mostrassem inquietos, mas quando o perigo foi afastado dizia corajosamente: «Eu sabia o estado dêle, mas não o queria dizer. Agora posso de novo ouvir falar dêle, sem sentir uma aguilhoada no coração. Mais do que ninguém, ela interessava-se pelos trabalhos de seu filho. Tinha uma idea nítida, da excelência da alegria como higiene moral, e, esforçou-se toda a vida a incutir nos seus, especialmente no seu querido Wolfrang, essa idea. Goethe tomou dela esta confortadora máxima. «Se queres ter uma bela vida não te importes com o passado, evita as preocupações, goza o presente e deixa a Deus o cuidado do futuro.» A-pesar de ter sofrido horríveis desgôstos. De seis filhos perdeu quatro, mamã Aja cultivou sempre essa sorridente filosofia. No momento de deixar êste mundo recebeu um convite mundano e julgou-se obrigada a responder e a desculpar-se de não ter aceitado, dizendo: «Que lamentava não poder aceitar porque era obrigada a morrer de aí a pouco.» Quanta influência teve uma mãi assim na obra do grande homem é fácil de compreender, porque é extraordinária a sua influência que têm nos filhos o carácter e a inteligência das mãis. Mais ainda do que a dos pais.

Mulher de letras

Damos hoje às nossas leitoras o retrato de uma rapariga da melhor sociedade de Londres e notável escritora, «Miss» Nancy Freeman-Mitford, filha mais velha do Barão Redesdale. Escreveu entre outros um interessante romance, que obteve o maior sucesso, intitulado «Higland Fling», e, brevemente publicará um outro livro, que deve ter o mesmo sucesso, porque nêle a escritora mantém a mesma «verve» que dá aos seus livros um grande realce e valor. «Miss» Nancy além de escritora é uma desportista e os jogos físicos não a impedem de ser uma intelectual, que estuda, lê e trabalha.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA

Visita do sr. Ministro das Colonias aos «Stands» da Agência Geral das Colonias

Outro interessante «Stand» da Agência Geral das Colonias

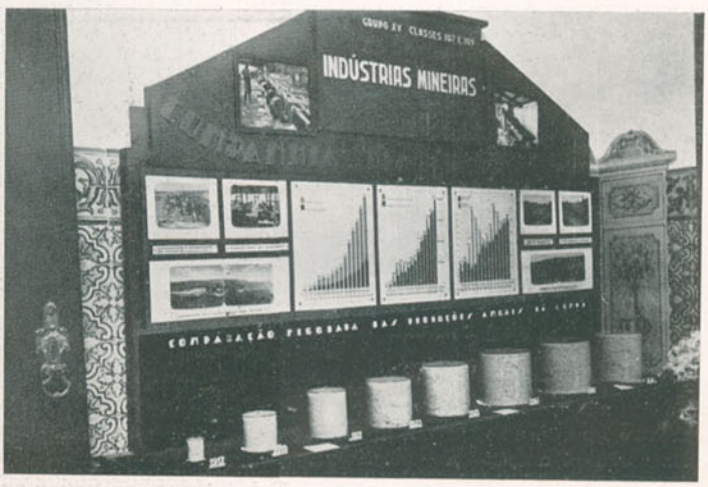
1

1—O «Stand Balsemão», Perfumistas, com celebridade desde 1895.—Rua dos Retroseiros, 141 e 143

2—O «Stand» dos productos de Belesa e Perfumarias de Mme. Campos, que são considerados como indispensaveis pela moda elegante. A Academia Scientifica de Belesa, Avenida da Liberdade, 35, dispõe de salões para todos os cuidados de beleza e da estetica feminina

2

«Fabrica de Porcelana de Vista Alegre», que ha mais de cem anos, fornece Portugal com as suas porcelanas artisticas, domesticas, electricas e industriais



«Stand» da Companhia de Diamantes de Angola, onde se vê o augmento progressivo da producção dos diamantes

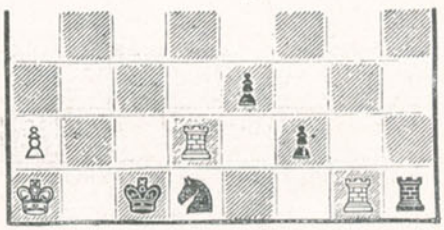
FIM DE FESTA

XADREZ

Este curioso problema de xadrez é da autoria do Sr. J. Morrow.

As pretas prometeram imprudentemente fazer dama com um dos seus peões.

Pretas (5)



Brancas (4)

Como é que as brancas podem impedir que as pretas façam Dama?

É a vez das brancas jogarem. A metade superior do taboleiro foi omitida para poupar espaço.

CURIOSIDADES

FORTUNAS DE HOMENS DE ESTADO

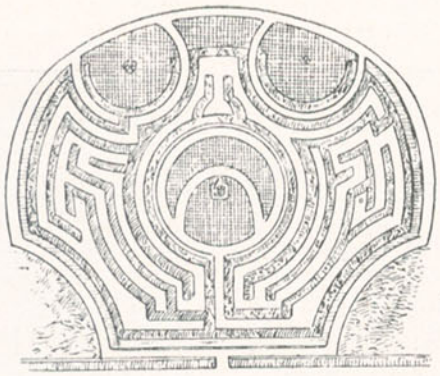
Espalhou-se que o presidente Hoover é multi-milionário. Assegura-se, porém, que a sua fortuna fica um pouco aquém dum milhão de dólares. Poucos presidentes dos Estados Unidos no entanto, desfrutaram semelhante riqueza. Alguns foram mesmo pobres. Washington era rico para aquela época; e Jefferson tinha fortuna quando assumiu o cargo, mas morreu completamente arruinado porque abandonára as suas plantações e fôra roubado.

Depois de ter deixado a Casa Branca, muitas vezes lhe aconteceu ter trinta e quarenta pessoas à mesa, quer para o almôço, quer para o jantar; e alguns, dêsses convivas eram-lhe completamente desconhecidos. Não é, pois, de admirar que se tenha visto obrigado a vender a sua biblioteca — que se tornou o núcleo da biblioteca do Congresso.

Nenhum outro presidente passou por ter grande fortuna. A maior parte eram só remediados. Alguns não possuiam, por assim dizer, coisa nenhuma. Não é, porém, pelo dinheiro que se medem as qualidades dos estadistas. Hamilton não deixou nada e nunca possuiu bens consideráveis; Pitt Júnior morreu crivado de dívidas e foi preciso que o país satisfizesse os seus compromissos.

PENSAMENTO

A vida não pode ser perfeitamente feliz porque não é o céu, nem completamente desgraçada porque é o caminho. — *Ch. de la Ferronays.*



Labirinto de Somerleyton Hall, perto de Lowestoft, talvez o melhor labirinto inglês que ainda existe.

CONTRÔLE SIMULTANEO

de tamanho, nitidez, efeito, diafragma e velocidade antes e durante a exposição com a maquina pronta a funcionar:

É o que vos oferece o novo

Rolleiflex automático 6x6

Contrôle de nitidez directamente pelo vidro despolido, quer dizer com a maior rapidez e segurança!

Vende-se nas casas de artigos fotograficos

Peça-se o catalogo B 140 da fabrica

FRANKE & HEIDECKE · BRAUNSCHWEIG

OS GATOS PRETOS DÃO SORTE?

Segundo as mais antigas superstições, todos os gatos eram animais sagrados, estimados por muitas deusas. Por essa razão, deixam, quando tratados com bondade, trazer boa sorte, sob a forma de recompensas dessas deusas. Superstições posteriores, contudo, baseavam-se na velha crença de que o Espírito mau costumava tomar a forma de um gato preto, sendo também tais gatos os favoritos das bruxas. Por isso acariciar um gato preto era desarmar o inimigo e bem assim as bruxas. Portanto, verdadeiramente, no que a superstição devia consistir era: não em que um gato preto dá felicidade, mas antes em que, se fôr acolhido com benevolência, evitará o azar.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I	M	E	R	C	A	D	O	R	I	A
II	A	L	E	R	T	A	■	A	S	A
III	R	O	T	A	R	■	A	B	A	R
IV	■	■	A	P	O	S	■	E	■	■
V	A	■	M	U	S	I	C	A	■	L
VI	N	O	E	L	■	M	A	R	T	E
VII	A	■	■	A	N	A	O	■	R	I
VIII	■	P	O	■	A	O	■	■	O	■
IX	E	S	T	R	O	■	L	O	T	O
X	U	T	■	E	■	D	E	■	A	S

BRIDGE

(Solução)

A joga o 9 de copas. Se D não cobrir, B balda-se à Dama de oiros e C faz o Az, jogando em seguida o 10 de oiros, que é coberto com o Valete por A. Este faz então a Dama de copas, depois o Az de oiros, e joga outra vez oiros, que B corta, fazendo assim a quarta vasa.

Se D cobrir, B corta e põe na mesa a Dama de oiros: C joga o Rei e A faz o Az jogando em seguida a Dama de copas, sôbre a qual B deita o 9 de oiros. C faz apenas duas vasas de copas.

A mãi: — Oh, Clarinha! és tão má, e no entanto ainda esta manhã quando rezaste, pediste para seres uma boa menina.
Clarinha: — Então, mamã! eu não queria dizer que fosse logo a seguir. *(Do «Punch»).*

ACABA DE SAÍR
a 7.ª edição, revista

O último olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 págs., brochado . . . **12$oo**
Encadernado . . . . . **16$oo**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

COLECÇÃO FAMILIAR

VOLUME BROCHADO **Esc. 7$00**

P. B.

VOLUME ENCADERNADO **Esc. 12$00**

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas sòmente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico suggestivo interêsse, offerecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Raínha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

SE QUERES VIVER, DESPERTA E LUTA!

ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

POR

ELLICK MORN

1 VOLUME DE 268 PAGINAS, BROCHADO, **10$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—Lisboa

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas { brochado. . . . . 10$00
encadernado . . . . . 14$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . **12$oo**
Encadernado . . . . . **16$oo**

PEDIDOS Á
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.... 15$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... ... ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br.... ... ... 9$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$09; br... ... ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13$00; br.... 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... ... ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. 9$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br.... ... ... 8$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br.... ... ... 10$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br.... ... ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br.... ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... ... 3$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ... ... 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.... ... ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.... ... ... 2$00
REI LEAR — 2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br... ... 9$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... ... 6$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... ... 8$00

Pedidos á

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU Á **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado. . . . **12$00** / encadernado . **16$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á
LIVRARIA BERTRAND
73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesoiro do pensamento humano

COLLECÇÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despido de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em tôdas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se fàcilmente pelo número das edições, que ràpidamente se exgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na BÍBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrúpulo, observando-se nela o conselho de Thomereau : *o pensamento de três linhas, que não deixar no espírito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as bôas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espírito da mulher.

Com êste livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PAGS. ELEGANTEMENTE ENC. 17$00; BR. 12$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10$00**
encadernado . **14$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«Conhece-se através dêste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
—**Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10$00
Encadernado **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. ..... Esc. 30$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

O livro de cosinha de maior utilidade

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
Esc. **25$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO
DA
LÍNGUA PORTUGUESA

Por CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.
O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saüdada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da visinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reünir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cêrca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reünidos pelo sr. *Dr. Cândido de Figueiredo* no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge *119.613 vocábulos ou artigos.*

2 grossos vol. sòlidamente enc. em carneira 250$00

PEDIDOS À **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.ª EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 Volume de 262 páginas
brochado Esc. 10$00
encadernado » 14$00

PEDIDOS AOS EDITORES
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Saíu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado . . . . . 20$00
Encadernado . . . . . 28$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani* e *Lévi*

1 VOLUME DE 154 PAGINAS, BROCHADO, **7$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS

DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes illustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e côres sobre papel couché.

Cart. 40$00; br. . . . . 30$00

PEDIDOS À
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notaveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10$00**
encadernado . **14$00**

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTISSIMO LIVRO DO POPULAR

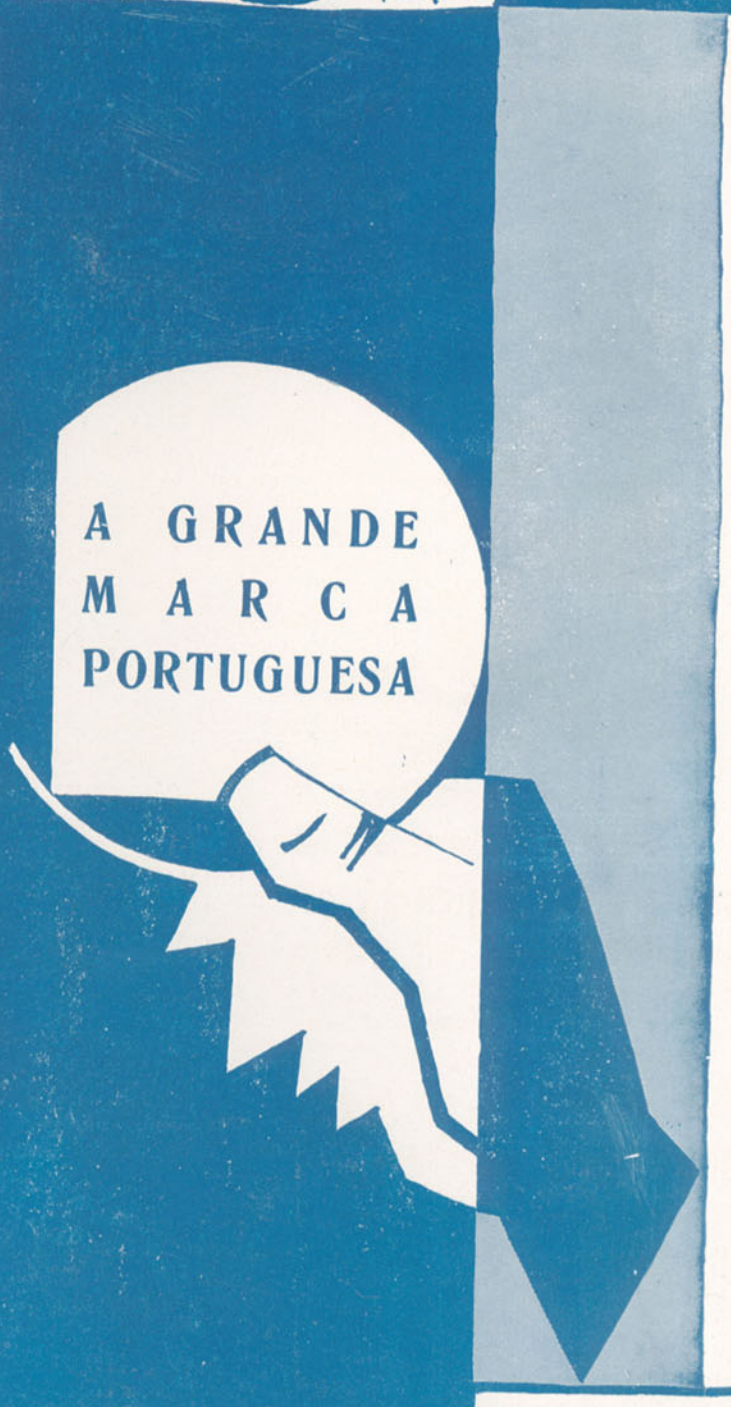
AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10$00**

Á venda em todas as livrarias

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BOLACHAS



Variadas e saborosissimas qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

O MELHOR ALMOÇO

O MAIS AGRADÁVEL RECONSTITUINTE

OVOMALTINE
É A SAÚDE

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

À VENDA EM TODA A PARTE, EM LATAS DE 110, 250 E 500 GRA
MAS, RESPECTIVAMENTE AOS PREÇOS DE 8$50, 16$00 E 30$00

Unicos concessionarios em Portugal

Alves & C.ª (Irmãos)

Rua dos Correeiros, 41, 2.º — Lisboa